



MANGUEIRA

CARNAVAL 96



Tradição e Evolução

MANGIUTERA



**Golden
Cross**

DIRETORIA

Elmo José dos Santos - Presidente — Walter Martins de Miranda - Vice-Presidente — Elias João Riche Filho - 1º Tesoureiro — Nilton de Oliveira - 2º Tesoureiro — Eli Gonçalves da Silva - Secretária — Margarida Gesuino da Silva - Secretária — Irineu Pires - Diretor Social — Maria Celeste Muller - Diretor Social — Luiz Eduardo S. F. Bahiana - Diretor Social — José Osni Campos - Diretor Social — Guilherme Alexandre - Diretor Social — Paulo Ramos - Diretor Cultural — Teresinha Labruna - Diretor Cultural — Francisco de Carvalho - Diretor de Esportes — Marcos Antônio Gomes - Diretor de Esportes — Agrinaldo de Sant'Anna - Diretor de Esportes — Mário Cesar Fontes de Vasconcelos - Diretor Jurídico — Luiz André de B. Vasserstein - Diretor Jurídico — Lizinete Freitas de Almeida - Deptº Feminino — Márcia da Silva Machado - Deptº Feminino — Oliverio Ferreira - Diretor de Harmonia — Edson Goes - Diretor de Harmonia — Dilmo Emídio Ferreira - Diretor de Harmonia — Edson Marcos Gaspar de Andrade - Diretor de Patrimônio — Jair Campos da Silva - Diretor de Patrimônio — José Luiz de Souza - Diretor de Patrimônio — Telmo José dos Santos - Diretor de Patrimônio — Osny Santos de Mello - Diretor de Divulgação — José Manoel Lombardi Filho - Diretor de Divulgação — Anésio dos Santos - Diretor de Divulgação — Alberto Miranda - Diretor de Divulgação — William Silva dos Santos - Procuradoria — Hilton Cosme Resende - Procuradoria — Luiz Carlos Caetano dos Santos - Diretor Médico — Luiz Roberto Tenório - Diretor Médico — Nadia Pereira Christino - Diretor Médico — Fernando Olinto H. Fernandes - Diretor Médico — Alexsone Nazareth Fabre - Representante na Liesa — Percival Pires - Representante na Liesa — Edinaldo Carlos de Souza Lima - Administrador

ASSESSORIA

Alvaro Luiz Caetano — Norma Alves Lima dos Santos — Célia Regina Domingues — José Narciso Teixeira — Nilton Caetano — José Simões Vieira — Sebastião Ramos — Ubirajara da Silva — Francisco de Souza Coimbra Neto — Augusto Cesar Maia Araujo — Marília T. Barboza — Arthur L. de Oliveira Filho — Eulália Figueiredo

CONSELHO DE CARNAVAL

Percival Pires — Eli Gonçalves da Silva — Adair da Silva Machado — Pedro Paulo Lopes — Paulo Ramos — Nelson Storino — Wilton de Oliveira — Avelino — Irineu Pires — Alvaro Caetano — Elias Riche — Oliverio Ferreira — Osswald Jardim — Norma Alves Lima dos Santos

CONSELHO DELIBERATIVO E FISCAL

Artur Miranda B. Rosa - presidente — Lomelino Ribeiro

REVISTA DA MANGUEIRA

Editada pela Comissão de Carnaval — Coordenação Geral: Marília T. Barboza — Fotografia: Flávio Colker — Assistente de Fotografia: Alexandre Ostrovsky

NOSSA CAPA:

Carlos Cachaça e os Balaúrtes da Mangueira (ao centro o Presidente e o Vice em exercício).



No momento que antecede ao carnaval, quero agradecer, bem do fundo do meu coração, ao nosso querido papai do céu - Deus - o Arquiteto do Universo e, abaixo dele, a tudo aquilo em que acredito e tenho fé, ao mesmo tempo em que peço a bênção aos grandes mestres e baluartes, aos "titios" e às "titias" que fundaram e que ajudaram a dar vida à nossa querida e frondosa Mangueira.



Temos passado, eu e minha querida Diretoria, momentos difíceis, mas que não conseguiram de forma alguma nos abater, em virtude dos compromissos de honra que assumimos diante da Nação Mangueirense: por um lado, fortalecer cada vez mais as nossas raízes. Por outro, modernizar nossa administração, de modo a dotar a Estação Primeira de uma infra-estrutura administrativa geradora de recursos que lhe permitam sobreviver com autonomia e dignidade.

Hoje, confesso, vivo um momento de enorme felicidade, pois conseguimos "re-unir" diversas e importantes pessoas que a vida tinha afastado, restaurando os vínculos de nossa grande família. Como símbolo desta união, meu primeiro ato como Presidente foi conceder ao Mestre Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachaça, de 93 lúcidos anos de idade, o título de Presidente de Honra da Mangueira. Foi criado, também, o Conselho Comunitário, destinado a servir de ponte entre a Comunidade e a Diretoria da Escola. Hoje, esses dois segmentos caminham lado a lado, trabalhando para que a marca registrada da Verde-e-Rosa possa ficar cada vez mais visível aos olhos de todos os que forem assistir ao desfile na Marquês de Sapucaí: a presença maciça do morro dentro da escola, trazendo de volta o samba no pé, característica forte que a Mangueira tem.

Para a minha felicidade, o destino permitiu que a quadra da Mangueira, pela sua localização, fosse o verdadeiro quintal, a área de lazer legítima de toda a Comunidade. Por isso costumo dizer que lugar de mangueirense é dentro da Mangueira. Graças a Deus, isto tem sido uma constante neste meu primeiro ano de gestão.

Tenho consciência de que ainda tenho muito o que fazer, ainda tenho muito a aprender. Por ser ainda jovem, procuro me cercar dos conselhos dos mais antigos, pois é neles que quero buscar o conhecimento e "o saber de experiências feito", como dizia o velho Camões.

Recordo-me constantemente do conselho recebido de Mestre Nelson Sargento, logo após minha eleição, e que norteia cada um dos meus passos e minhas atitudes: "Menino, a Mangueira é uma árvore frondosa, que tem raízes, tronco, galhos e frutos saborosos. Você, como Presidente, é galho desta árvore. Não se esqueça: por mais que os galhos cresçam, o tronco sempre será maior e quem sustenta o tronco são as raízes". Esta frase, dita por aquele homem simples, ainda que poeta maior, encheu-me os olhos de lágrimas. Com um forte abraço, prometi-lhe que jamais esqueceria tais ensinamentos.

Também meu pai, Mestre Tinguinha, fundador da Ala da Bateria, ensinou-me que "não existe presente nem futuro, se não respeitarmos o nosso passado".

Neste instante, peço a toda a Nação Mangueirense que, junto comigo, faça uma reflexão. Quando Angenor de Oliveira, o Mestre Cartola, escolheu as cores da nossa bandeira, ensinou-nos o porquê da sua escolha. O rosa representa o amor, pois as coisas mais belas da vida só são construídas em nome do amor. E o verde representa a esperança de uma vida melhor para todos, principalmente para as nossas crianças. Elas podem sentir a concretização dessa esperança no trabalho social que já há algum tempo estamos realizando, hoje reconhecido oficial e internacionalmente. Esta é a razão maior pela qual, eu, como Presidente da Mangueira, venho pedir humildemente aos meus componentes que deixem o coração falar mais alto e, na Avenida, vamos sambar, vamos cantar, vamos chorar, vamos gritar, vamos dar o nosso sangue e honrar o pavilhão verde-e-rosa. Porque acima de tudo somos amor, somos esperança. Somos Mangueira até morrer!

Elmo José dos Santos

A VOZ DO PRESIDENTE

Mangueira 96

Tradição e evolução

Arthur de Oliveira Filho

é pesquisador, autor de vários livros e Editor do Jornal A VOZ DO MORRO

Tradição ou evolução? Eis a questão...

Há escolas de samba que só pensam numa. Outras, só querem saber da outra. As primeiras preocupam-se antes de tudo em conservar, as últimas querem sempre inovar.

A Mangueira é considerada por todos como a campeã da tradição, mais voltada para as raízes do que a própria escola que tem a tradição no nome. É bem justa a fama: a Estação Primeira não só é raiz, como, de acordo com o samba célebre, "a semente do samba só a Mangueira possui".

Mas, afinal, o que vem a ser tradição e o que é na verdade evolução? Os seres vivos são maciçamente tradicionalistas, pois reproduzem as características dos ancestrais. As inovações, que fazem evoluir as espécies, são raras e distinguem-se das aberrações, isto é, dos desvios da tradição, que não

têm valor eficaz e portanto não se conservam, não se reproduzem nunca mais.

O curioso com o GRESEP é que, embora campeão da tradição, nenhuma outra congênera contribuiu tanto quanto ele para dotar a espécie "Escola de Samba" de novidades tão úteis na luta pela vida, que se conservaram e difundiram pelas demais. São hoje traços distintivos encontrados em todas as escolas de samba do Brasil.

Um dos quesitos do julgamento dos desfiles é o par Mestre-Sala/Porta-Bandeira. É um ponto tão importante do espetáculo que, quando o quesito foi derrubado, a grita que se elevou ao céu

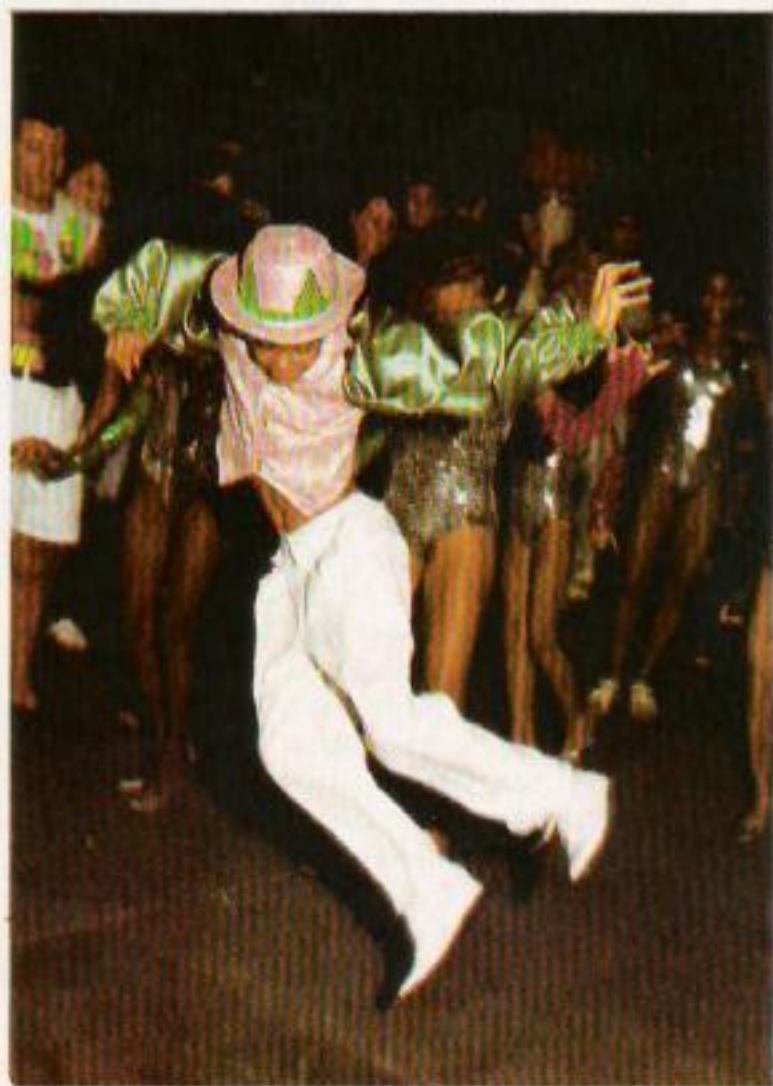
da gente foi tão grande que ele teve que voltar.

Não há escola de samba sem mestre-sala e porta-bandeira. Quem introduziu essa inovação feliz? A Mangueira, com o casal Arlindo Conrado e Raimunda que criaram o grupo Mestre-Sala/Porta-Bandeira na Escola de Samba, inovação consagrada no verso imortal de Drummond: "Ó mestre-sala, lírica invenção da Estação Primeira entre as primeiras".

Outra criação das escolas de samba foi o samba enredo, tipo de canção que descreve nos versos o tema que o conjunto apresenta plasticamente. A Mangueira, em 1932, com o samba "Na Floresta", de Cartola, e em 1933, com o samba



Tradição: o emblemático mestre-sala Delegado



Evolução: o passista mirim, o Delegado de amanhã

"Homenagem", de Carlos Cachça, foi uma das escolas que lançou as sementes desse gênero de música, hoje ponto alto dos desfiles. A Ala de Compositores, agora indispensável em qualquer escola, constitui também outra contribuição que o mundo do samba deve à Estação Primeira. Foi nela que em 1940 nasceu a Ala de Compositores inicial, imaginada e realizada por Cartola e Carlos Cachça.

Vejam agora aquilo que a Mangueira não inovou. Em primeiro lugar, não criou a "marcha-enredo", ora tão difundida. Nem gerou a explicitação da genitália, novidade anterior à folha de parreira da mãe Eva. Nem a vedete na frente da bateria, posando para os "flashes" e não para o povão. Porque, afinal de contas, Mangueira é tradição - única coisa capaz de gerar evolução e não aberração.



Roseana Sarney e Chico Coimbra

DEPOIMENTOS

Manguieira
96

O Maranhão sente-se honrado com a homenagem da Mangueira, escola comprometida com a valorização da cultura popular brasileira. Os valores mais cultivados pelo povo Maranhense são justamente os que se relacionam com a nossa rica tradição cultural. Foi, portanto, com muita alegria que, no início do meu governo, recebi a visita dos diretores da Mangueira, tendo à frente seu presidente, Elmo dos Santos, e as madrinhas da escola, Dona Zica e Dona Neuma, verdadeiro patrimônio da verde-e-rosa. Como *embaixadores* da escola, vieram comunicar-me a decisão de homenagear o povo maranhense e sua história de cultura, no carnaval de 1996.

A Mangueira acertou em cheio na escolha do seu enredo, pois é na tradição afro que se encontram as raízes da nossa cultura. "Os Tambores da Mangueira na Terra da Encantaria" pretende ser, assim, um mergulho no passado colonial, marcado pelo sincretismo, no qual o negro teve presença destacada. A *Encantaria* é a expressão de todo o mundo mágico que povoava o imaginário coletivo de São Luís, alimentado pelos remanescentes das nações jêjenagôs, que resistem a todas as transformações e deformações culturais.

Tenho certeza de que, ao escolher o Maranhão e sua cultura como enredo, a Estação Primeira de Mangueira colocou à disposição de seus sambistas e carnavalescos um material riquíssimo, capaz de lhe assegurar uma presença bonita - que, espero, será vitoriosa - no Carnaval Carioca que todos admiramos.

Roseana Sarney
Governadora do Maranhão.

O negócio é fazer como São Tomé: "ver para crer...", mas a verdade é que o Maranhão é, sem falsa modéstia, o estado que representa, de maneira mais completa, uma síntese do nosso país. Desculpem o entusiasmo, que é o mesmo de todos os maranhenses, retratados com alegria na força da nossa cultura, nas festas populares, na poesia, na música, na arte da belíssima arquitetura colonial, com toques de magia das lendas e encantarias, que fazem do Maranhão, santuário ecológico, uma parte importante da identidade nacional.

O verão escolheu o nosso estado para se fixar, apaixonado pela riqueza de nossa gente, que recebe os visitantes com a mesa farta, coberta de iguarias da culinária local, contando "estórias" como se falasse a alguém da própria família. Isto quer dizer que, para chegar de verdade ao Maranhão, conhecê-lo por dentro, o passapor-

te é a fantasia.

Na terra de Gonçalves Dias, Arthur Azevedo, Catarina Mina, João do Valle, Joãozinho Trinta, Ferreira Gullar, Alcione e José Sarney, o mitológico atrai tanto quanto o real. Portanto, aventure-se na viagem! Faça como a Estação Primeira de Mangueira, que chegou de mansinho, pernito em alguma casa de família transformada em pousada, comeu arroz de cuxá com torta de camarão e peixe pedra frito e, melhor, jogou conversa fora com os anfitriões até o sono chegar, numa rede de algodão, na varanda de um casarão colonial.

Ao acordar, a Mangueira embarcou na fantasia e nos mistérios da Atenas brasileira. Voltou radiante ao Rio de Janeiro, porque descobriu o Brasil que poucos brasileiros têm a oportunidade de conhecer, uma região onde o turista ainda não chegou. Descobriu os lugares e os fatos que povoaram minha vida de maranhense orgulhoso e vaidoso, sim, senhor! É justo então dizer que *Os Tambores da Mangueira na Terra da Encantaria* fazem parte de um todo igualmente encantado, rico, original, altamente espontâneo e vibrante, onde a alma de um povo cheio de arte, cultura, prazeres e ritmos vira tema e samba-enredo, um povo dos mais hospitaleiros do Brasil: o povo do Maranhão, o meu povo.

Chico Coimbra
Estilista e carnavalesco maranhense



Xangô, Pamplona, Marília Barboza e Bira

Cara Uauíia

Grande lance da velha Uauíia
mau guardando sua nova quadra no kerço
do Samba, a insuperável Praça XI.

Golpe de Mestre!

Quadra bonita, simples, bem decorada
confortável, bem guardada e com estacionamento
seguro.

Bom para ela e bom para o Samba,
e que bom encontrar meus amigos ex-presi-
dentes, Roberto Paulino, Ed Miranda e Bira
e ainda Fango, Lúcio, de Carlos, Alcione,
Ponny e sambistas de todas as Escolas.

Bateu saudades do Babau, Juvenal Lopes
e Galina Neto também meus amigos.

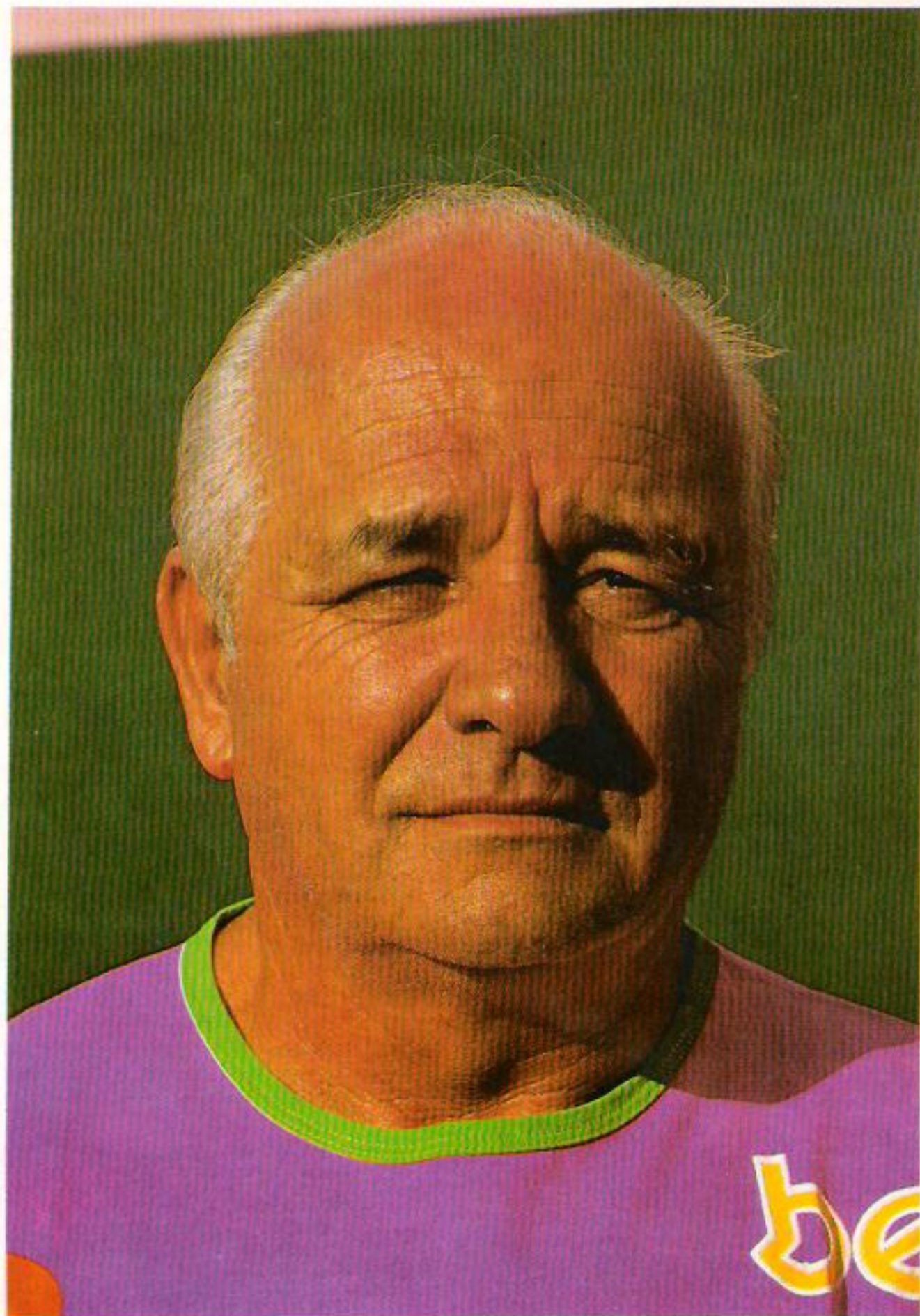
Além de terem convidado o Uauíia da Vila
para o "Show" inaugural.

Que surpresa receber nesta inauguração
uma grande homenagem da Escola Primária,
"Minha Madrinha Mangueira Querida" através
de uma placa de prata grande a ouro que
me fez sugar na boca de apadece.

Foi no Samba a maior evocação da
minha vida e em Mangueira ficou um
pedaço do meu coração salutarmente.

F. Pamplona

DEPOIMENTOS



Eu não nasci na Mangueira. Mas estou aqui há tanto tempo, que nem me lembro que já fui de outro lugar. Me envolvi de tal forma que, na verdade, minhas raízes estão plantadas no pé deste morro. Moro aqui, minha família é a família de Dona Neuma, onde me sinto tão filho como a Chininha, a Guezinha ou a Ceci. Já fui tudo na escola, até Presidente. Por isso, a Mangueira me cheira a coisa minha, suor, sangue, lágrima. É a minha vida.

Essa experiência toda me diz que é assim: quando está tudo às

mil maravilhas, normalmente, na hora do desfile, degradingo tudo. Agora, quando o Carnaval é polêmico, como este, toda a imprensa especulando essa nossa parceria com o Maranhão, é porque vamos fazer um grande espetáculo.

Há alguns anos eu não vejo, aqui dentro, um barracão tão deslumbrante! Em termos de alegorias, fantasias, eu estou positivamente surpreso com o trabalho do Oswaldo Jardim. Além disso, nossa diretoria está operando verdadeiros milagres, transformando o barracão da Praça Onze em casa de espetáculos, pagando aluguel do barra-

cão novo, mantendo um ateliê na Vila Olímpica, onde se confeccionam as fantasias das alas técnicas, e outro em Vila Izabel, que funciona como chapalaria e confecção das roupas de mestresala e porta-bandeira, tudo sem verba, eu nunca vi isso

Se a Mangueira vai para a avenida com o carnaval que nós pretendemos, tenho certeza que ela vai pisar aquela passarela firme e forte. Palavra de Perci!

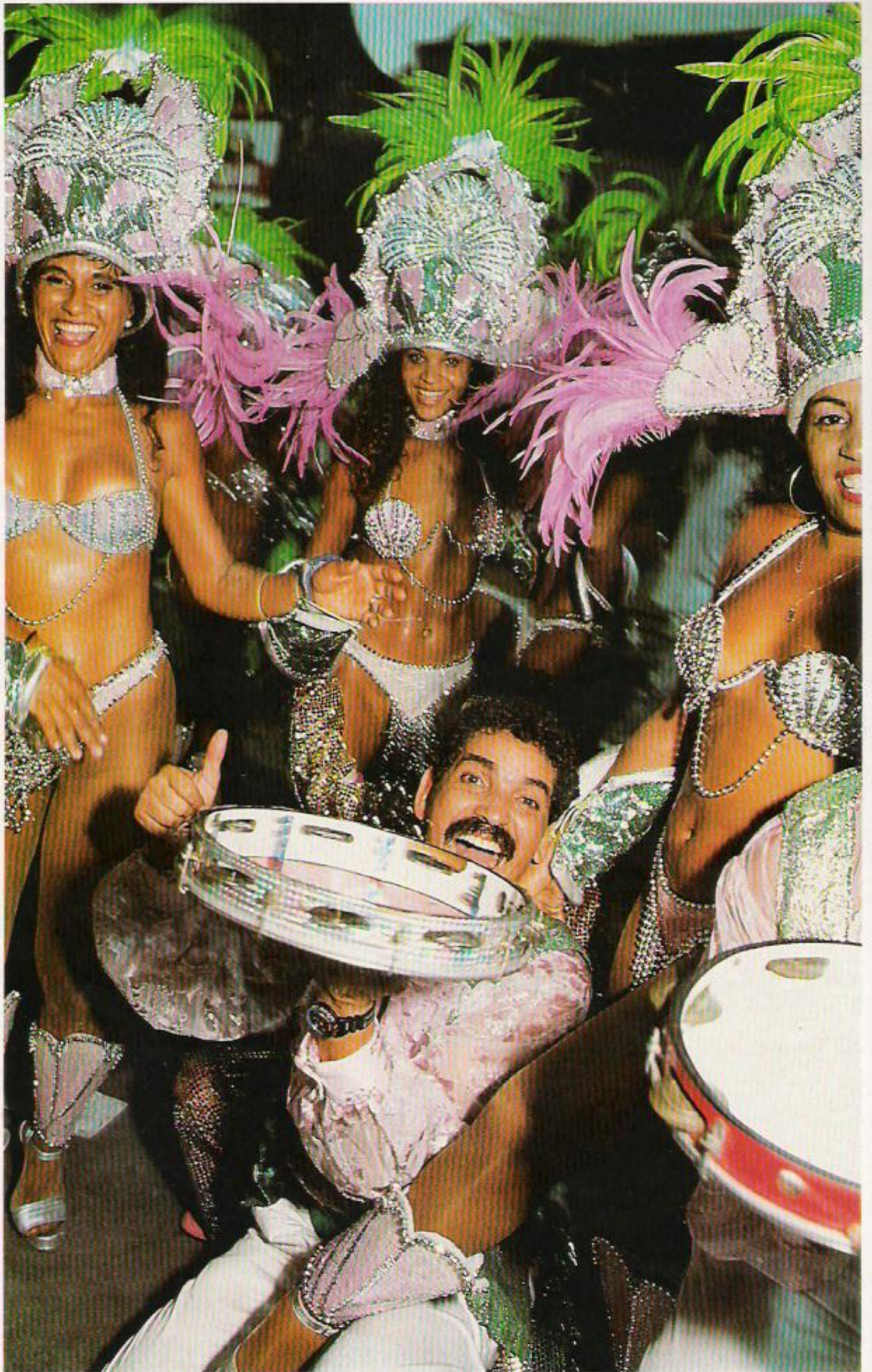
Percival Pires
Presidente do Conselho de
Carnaval

QUE OUTRO PRODUTO
PODE AFIRMAR
QUE VAI SER SUCESSO
DAQUI A 65 ANOS?



Conquistando consumidores desde 1929.

MANGUEIRA QUERIDA



Puxador?

Eu não puxo nada!!!

A garganta é um instrumento afinado. O timbre de voz, um cristal. A resistência física, inacreditável, para um homem de mais de 80 anos. O amor pela Mangueira não carece mais de prova alguma. Afinal, Jamelão doou à escola, juntamente com os ritmistas mangueirenses que participaram do show Tributo a Tom, na noite de Ano Novo da praia de Copacabana, os R\$ 48 000,00 do cachê recebido da Prefeitura e da Pepsi. E nem teve direito a camarim! Bota amor nisso! Agora, inacreditável também, é o seu mau humor sempre presente, fazendo dele uma pessoa arredia, de difícil acesso, que nunca quer dar papo a ninguém. Reportagens, fotografias, filmagens? Mantenham distância! Ele sabe ser intoléravel - quando quer.

Numa tarde clara de domingo, reunidos na Vila Olímpica para a foto de capa da Revista da Mangueira, os velhos mangueirenses históricos riam, brincavam, mexiam uns com os outros. Ele, não. Somente com a intervenção do Presidente Elmo dos Santos, admitiu conversar conosco. "Só um pouco..."

Olhar desconfiado, olhos no chão, nos dedos das mãos fortes, vários elásticos entrelaçados, sua mania. Fala como se estivesse dando uma bronca no interlocutor: "Eu nasci na Caixa D'Água, no morro do



"Não interessa o ano em que eu nasci. Põe aí que eu sou da Geração 80!"

Pedregulho, perto da Barreira do Vasco, num dia 12 de maio. Minha ligação com a Mangueira é desde garoto, eu era jornaleiro e já saía na escola, no tempo da corda. Depois fui operário na Fábrica de Tecidos Confiança. Quando eu era

menino eu nunca cantei. Depois é que me "meteram" no meio da música. Eu já era homem, encarei aquilo como um profissional, como uma profissão qualquer. Cantar não é nada demais. É um

trabalho. Por isso, eu não canto de graça, só com um pro labore. Todo mundo pode cantar, não precisa ser passarinho. Tem uma porção de perú aí cantando, ganhando mais do que eu."

É fácil perceber que as mágoas deixadas pela vida é que tornam nosso mestre tão casmurro. Faz lembrar o velho chavão: com uma voz dessas, se ele fosse um cantor americano...

O azedume se adocica, entretanto, quando o assunto é Mangueira: "Mangueira é outra coisa, eu não virei Jamelão porque eu era da Mangueira. Sou mangueira porque gosto, *um mangueirense da quadra*. Canto oficialmente o samba da minha escola desde 53, 54. Aprendi a gostar disso aqui, gosto até hoje. Seja o que Deus quiser..."

Mesmo sabendo da reação do mestre, arriscamos cutucar a onça com vara curta, perguntando porque ele não gosta de ser chamado de puxador: "Porque isso é uma maneira de esculachar o sujeito. Puxador é o cacete! Eu não puxo nada. Eu recebo a incumbência de CANTAR o samba. E cumpro. É só isso."

Calça branca, camisa verde-erosa, chapéu, elásticos nos dedos, cara amarrada, lá vai se afastando Jamelão, raiz Mangueira, símbolo do Carnaval, orgulho do Brasil, glória da música popular brasileira.

O samba está de



*Roberto Dinamite,
Pelé e Jamelão*

A INAUGURAÇÃO

O mês de dezembro de 1995 vai ficar na memória desta cidade como o mês verde-e-rosa. No dia 29/12, a Mangueira trouxe o samba de volta ao seu berço maior, a Praça Onze, mais precisamente à rua Frederico Silva, nº 81 - Centro. A festa de inauguração começou às 9h, com missa celebrada pelo Frei William, da Comunidade, cantada, acompanhada por um coral de meninos do Estado do Rio. Seguiu-se a Sessão Solene, presidida pelo Ministro Extraordinário dos Desportos, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. A cerimônia compareceram o Deputado Sérgio Cabral Filho, presidente da ALERJ, representando o Governador Marcelo Alencar. O Prefeito César Maia foi representado pelo Deputado Paulo Melo. Compareceram também o Deputado Roberto Dinamite, o Juiz Siro Darlan, o Sub-Prefeito de Centro, Augusto Ivan, e o Tenente Coronel Siqueira, entre outros. Na plateia, os atletas da Vila Olímpica da Mangueira, formados por modalidade desportiva, testemunhavam a importância histórica do momento, mais um marco da administração Elmo dos Santos/Walter Miranda.

MENINOS DE RUA

Tal empreendimento tornou-se possível graças a um convênio firmado entre a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e o G.R.E.S.E.P de Mangueira, onde a Prefeitura cedeu a área, de sua propriedade, e a Mangueira comprometeu-se a estender, aos meninos de rua do Centro da Cidade, o mesmo Grande Projeto Social hoje implantado na Vila Olímpica. O Sub-Projeto, denominado **VEMPRA MANGUEIRA!** já presta assistência médica e odontológica a um número considerável de crianças carentes, mediante o apoio da Golden Cross, que lá instalou um "trailer" super equipado, além de ceder os profissionais especializados. As mesmas crianças já têm também disponibilizados cursos de datilografia, escolinha de música e de diversas profissões ligadas ao carnaval (pintor, aderecista, escultor etc). A idéia é formar profissionais que possam ser absorvidos no próprio segmento das escolas de samba.



Visão Geral da Missa Solene



Frei William, o celebrante

Barracão da Mangueira

volta à Praça Onze!!!



*Martinho da Vila e
Carlos Cachça*



Alcione, a "Marrom"



O presidente Elmo, com a agenda e a cerveja Mangueira



Bira Show



Palco cenográfico à luz natural



Palco iluminado



Pamplona, ladeado por Bira e Jamelão e homenageado por Elmo



Rei Momo, Rainha e Princesas do Carnaval



Regina, Rody e D. Zica



Sabino Barroso e Sr.^a



Rosemary e Abelardo Figuerêdo



Vany, Beth Carvalho, Luiz Fernando Vieira e Marília Barboza

Luiz Carlos Vinhas



A FESTA

A partir das 20h. os tambores começaram a esquentar. O Rio de Janeiro artístico e musical esteve presente ao show de inauguração, comandado por Martinho da Vila, além da presença das bandas Doce Mistério, Grupo Bagagem, Chocolate Sensual e Arte Popular. Mais de 5000 pessoas se divertiram até o sol raiar, na casa que causou surpresa a mestre Fernando Pamplona, o homenageado da noite. Palco lindamente cenografado, som perfeito, ba-

nheiros impecáveis, 40 camarotes, segurança eficiente.

A partir daquela data, durante o período pré-carnavalesco, o "Barracão" passou a funcionar às sextas-feiras, para ensaio, e domingos, com o Pagode da Alcione. Logo em frente à entrada, e visitante encontra a Butique Verde-e-Rosa, onde estão à venda os produtos que contêm a marca registrada da casa: a cerveja Mangueira, a agenda, a mochila e a camisa, com a logomarca cedida à escola por Ziraldo, e, também, a Raspadinha da Mangueira, fruto de outro convênio com a LOTERJ. Com essa li-

nha de produtos, além das atuais diretrizes administrativas, nossa escola pretende tornar-se uma instituição auto-administrável, estendendo cada vez mais o atendimento social aos membros da Nação Mangueirense.

Após o carnaval, o Centro Sócio-Cultural Barracão da Mangueira pretende ser a melhor alternativa de lazer à disposição de cariocas e turistas no centro da cidade, funcionando como casa de show durante todo o ano. Sintam conosco o clima e as presenças na festa de inauguração de Centro Sócio Cultural Barracão da Mangueira!



A lendária porta-bandeira Mocinha entre as netas Tatiane e Marilene

E não poderia faltar um baterista da nossa Mangueira



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PRIMEIRA VARA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

CARTA
A Comunidade da Nação Mangueirense

Caros Amigos,

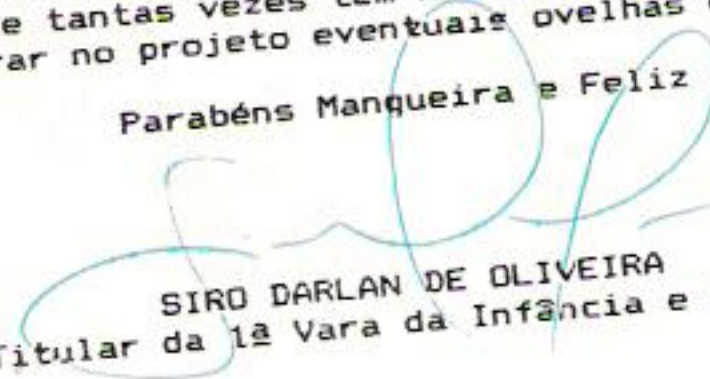
A violência foi o tema preferido da mídia e do povo sofrido do Rio de Janeiro.

Nossa Cidade Maravilhosa foi sitiada por uma guerra em que todos saíram perdendo sobretudo as mais frágeis criaturas, que credoras de direitos fundamentais foram assaltadas sem poder de reação, credores de respeito e dignidade foram aviltados e violentados em franco prejuízo ao desenvolvimento sadio que o texto constitucional lhes assegura.

Porém nessa guerra cruel e implacável a Nação Mangueirense mais uma vez se destacou e o pavilhão verde-rosa foi estendido sobre as cabeças de crianças e adolescentes da comunidade protegendo-os da sanha dos insensíveis marginais que arregimentam crianças para o tráfico, mas respeitam e não conseguem cooptar os meninos da Mangueira vacinados contra o vírus da omissão, a Comunidade da Mangueira ao garantir às crianças e adolescentes mangueirenses o respeito aos seus direitos fundamentais, conseguiu livrá-los da delinquência juvenil, mantendo o padrão de qualidade constatado pelas estatísticas da Justiça da Infância e da Juventude de que mais uma vez aponta a Mangueira como a comunidade do Rio de Janeiro com o menor número de adolescentes infratores.

A preocupação constante e a vigilância que exercem os dirigentes do Projeto Mangueira do Amanhã e do Projeto Olímpico da Mangueira sobre suas crianças e adolescentes, valorizando individualmente cada uma das crianças que se esquivam por caminhos traçados faz lembrar a Parábola do Bom Pastor que mesmo tendo sob vigilância 99 ovelhas vai buscar a desgarrada que mesmo perde. E esse tem sido o procedimento sobretudo do Prof. Chiquinho e da Alcione que tantas vezes tem nos procurado para trocar idéias de como reintegrar no projeto eventuais ovelhas desgarradas.

Parabéns Mangueira e Feliz 1996.


SIRO DARLAN DE OLIVEIRA
Juiz Titular da 1ª Vara da Infância e da Juventude

Ilmo. Professor Chiquinho
VILA OLÍMPICA DA MANGUEIRA
Rua Santo Melo 73 - S. Francisco Xavier

*Fac-simile da carta do Juiz Titular da 15ª
Vara da Infância e da Juventude à
Comunidade da Nação Mangueirense*

Projeto Social da Mangueira



Perci, Chiquinho, Elmo, FHC ladeado por D. Neuma e D. Zica, Alcione e Zé Maria

Há dez anos, uma tímida semente foi plantada pelo saudoso Carlos Alberto Dória, menino nascido e criado na comunidade e que chegou a presidente da Estação Primeira. Com garra, carinho e a parceria inestimável do Governo do Estado do Rio de Janeiro, da Prefeitura, da Xerox do Brasil, da Golden Cross, do Leite de Rosas e do Colégio Santa Mônica, o Projeto Social da Mangueira reside hoje numa área de 35 000 m² e tem crescido tanto, que hoje é considerado o melhor projeto dos países do 3º Mundo, com o aval do Juiz Siro Darlan, do Ministro Extraordinário dos Desportos, Pelé, e do próprio Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Zuenir Ventura, no Jornal do

Brasil de sábado, 20/01, assim falou do que viu :

“Se você acha que nada no Rio dá certo, convido-o pra o seguinte programa: descubra a Mangueira. Não propriamente a escola, mas um espaço inacreditável chamado Vila Olímpica da Mangueira.() Uma manhã inteira não dá para conhecer os seis ou sete projetos sociais da Mangueira. Se algum eventual leitor-empresário achar que estou exagerando, dê um pulo lá. Duvido que não saia disposto a construir uma Vila Olímpica em cada pé de morro - antes evidentemente da Olimpíada de 2004.() Agora entendo por-

que no início da visita Elmo José dos Santos falou com tanta naturalidade do encontro que tivera com Fernando Henrique há dias, quando o seu colega lhe prometera visitar a Vila Olímpica antes do carnaval. Foi um encontro de igual para igual. Sua Excelência, o presidente Elmo, sabe que é presidente de uma gloriosa nação - A NAÇÃO MANGUEIRENSE.”

Com a coordenação Geral do Professor Francisco de Carvalho, o Chiquinho, o projeto hoje se divide em diversos segmentos, cada qual com coordenação e patrocínio próprios.

PROJETO OLÍMPICO DA MANGUEIRA

Coordenado pessoalmente pelo próprio Chiquinho e patrocinado pela Xerox do Brasil, atende a 1 500 crianças, dando a elas a oportunidade do lazer e do esporte, nas modalidades atletismo, basquete, volei, natação, futebol e futsal. No atletismo, nossa equipe é tetracampeã estadual e brasileira, além de campeã brasileira de futsal, no torneio da Associa-



ção de Futebol Salão do Estado do Rio de Janeiro, categoria mirim, e vice-campeão na categoria infantil. No basquete, é a 3ª colocada no Campeonato Estadual, categoria infantil feminino. No volei, futebol e natação, modalidades iniciadas posteriormente, participa de vários torneios e, brevemente, estará disputando os primeiros lugares.

PROJETO EDUCAÇÃO

Coordenado pela Professora Terezinha Labruna, Diretora do CIEP Nação Mangueirense, tem a parceria do Governo do Estado, atendendo a 1 200 crianças de 1º e 2º graus. Esse CIEP é considerado o CIEP modelo do Estado do Rio de Janeiro, em todos os sentidos.



PROJETO SAÚDE

Sob a chancela da Golden Cross, esse projeto tem sede na Vila Olímpica e dá atendimento médico-odontológico totalmente gratuito a cerca de 1 400 pessoas/mês (alunos, famílias, comunidade). A diretora do Posto, Dra Rosa, cuida para que os pacientes que busquem tratamento odontológico, ginecológico, pediátrico, de clínica médica, cardiológico, preventivo do câncer e exames laboratoriais, sejam atendidos da forma mais eficiente possível.



PROJETO RECRIANÇA

Atende a 300 crianças, de 4 a 10 anos, dentro do próprio morro, em parceria com a Escola Municipal Humberto de Campos e com a Creche da Fundação Leão XII, do Morro dos Telégrafos. A coordenação é de Carlos Henrique Dória, estudante de Educação Física, filho do ex-Presidente que empresta seu nome à Vila Olímpica. Este segmento supre sua clientela em termos de educação básica, higiene e recreação infantil. O suporte alimentar está a cargo do Leite de Rosas, que fornece diariamente leite e pão doce vitaminado às crianças que participam do Projeto.



PROJETO CAMP-MANGUEIRA

Cuida da Assistência Profissional ao menor, oferecendo um curso de 3 meses, onde a criança, além da educação básica recebida no CIEP, tem aulas de educação cívica, higiene e bom comportamento, a fim de estar preparada para o mercado de

MANGUEIRA 96

Organograma do Desfile



***OS TAMBORES DA
MANGUEIRA NA TERRA DA
ENCANTARIA***

G.R.E.S.E.P. DE MANGUEIRA

Presidente - *Elmo José dos Santos* Vice-Presidente - *Walter Miranda* Carnavalesco - *Oswaldo Jardim*

ORGANOGRAMA

Diretor Geral do Desfile - *Elmo José dos Santos*

Diretor Geral de Harmonia - *Xangô*

CRONOMETRAGEM

Diretor Responsável: *Chiquinho*

OS TAMBORES DA MANGUEIRA NA TERRA DA ENCANTARIA

Samba-Enredo de Chiquinho Campo Grande e Marcondes

Intérprete: *Jamelão*

No revoar da inspiração
O poeta conseguiu
Contar em verso e prosa
O amor pela cultura
Lendas e mistérios
Do nordeste do Brasil
Deite numa rede de algodão
E adormeça nas crenças do Maranhão

*No fundo do mar
Tem um castelo que é do rei Sebastião
Tem mandinga tem segredo
Meu amor eu tenho medo
De brincar com assombração*

Ana se fez Donana,
Na carruagem tem uma mula-sem-cabeça
Por incrível que pareça

Uma serpente circundando o ribeirão
A Manguda vai chegar
Bumba-meu-boi e cazumbás
É festa de São João

*Agô ina, ina agô!
Oh! doce mãe sereia
No seu lampejo que ilumine todos nós } Bis
Lá na praia dos lençóis
É noite de lua cheia*

Os tambores da Mangueira
Na terra da encantaria
Encantaram o touro negro
Que num toque de magia
Se vestiu de verde rosa
Embarcou na poesia

No revoar...

} Refrão

PRESIDENTE ELMO JOSÉ DOS SANTOS

Osni (Chuchu)

Chiquinho

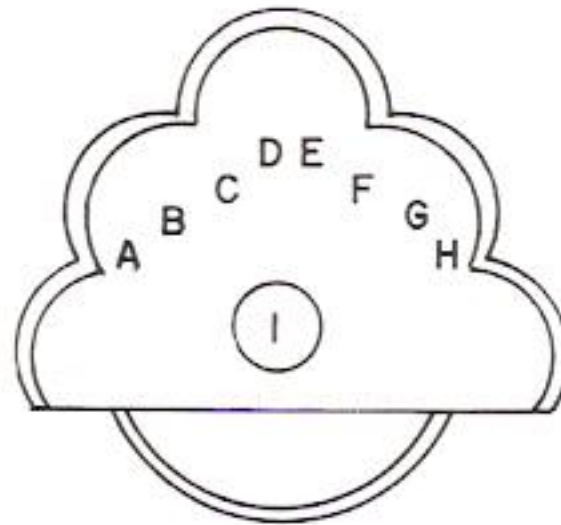
COMISSÃO DE FRENTE: "ENCANTARIA"

Coreógrafos: Débora Colker e Avelino
Márcio
Jair Braga

CRONOMETRAGEM - Zé Maria

1ª alegoria

ABRE-ALAS



①. Janaína

②. A, B, C, D, E, F, G, H. Baluartes da Mangureira (Carlos Cachaça, D. Neuma, D. Zica, Mocinha e Delegado, Seu Tinguinha, Zé Ramos, Nininha e Tio Jair, Zizinho, Zé Creolinho, Nelson Sargento, Ed Miranda.

1º QUADRO: ÍNDIOS

ALAS

1. Comunidade:
2. Eles e Elas/Nós Somos Assim;
3. Realidade/Alto Astral:

OSTUPINAMBÁS
OSCANELAS
OSTIMBIRAS

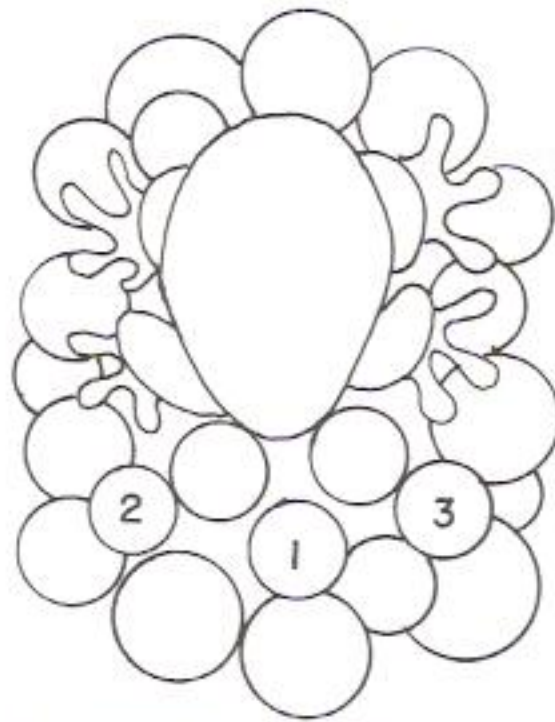
Diretor de Harmonia: Pedro Paulo Lopes

**A
L
A

B
O
Ê
M
I
O
S**

2ª alegoria

BRINCANDO DE SER INDIO



- ① Elvia - Tuchaua Timbira (destaque central)
- ② Nabil - Tuchaua Canela (lateral D)
- ③ Paulo Conde - Tuchaua Tupinambá (lateral E)
- ④ Composição

Diretor responsável: Lomenno

2º Quadro:

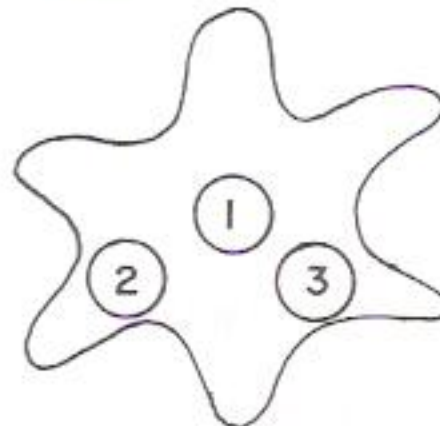
PRINCESA INA

ALAS

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| 1. Granfinos/Independentes da Bolívar | - GUARDIÕES DO REINO DA PRINCESA INA |
| 2. Mimosas/Depois Eu Digo | - SERVOS DA PRINCESA INA |
| 3. Amigos do Embalo/Vem Comigo | - SÚDITOS DA PRINCESA INA |

3ª alegoria

CORTE DA PRINCESA INA



- ① Celeste - Princesa INA (Destaque central)
- ② Deolinda - serva de INA (Lateral E)
- ③ Vanda - serva de INA (Lateral D)
- ④ Composição

Diretor responsável: Ellis Pinheiro

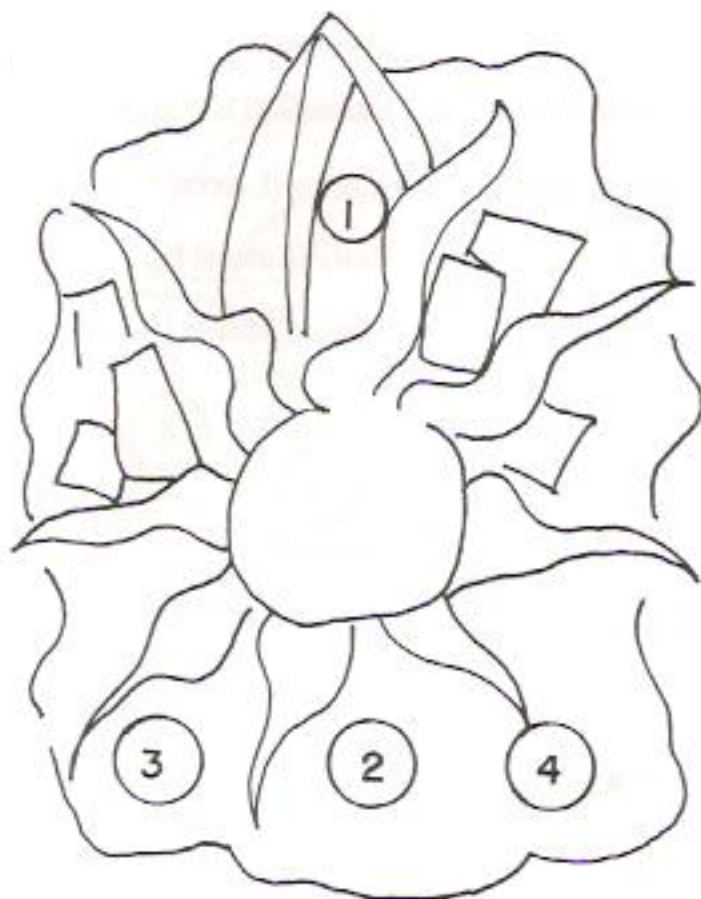
CORSÁRIOS DO VELHO MUNDO

ALAS:

- | | |
|---|------------------------------|
| 1. Fidalgos | - BRINCANDO DE SER FRANCÊS |
| 2. (Passarela do samba/
Quero te ver de rosa | - BRINCANDO DE SER HOLANDÊS |
| 3. Tropicana/Maracanã | - BRINCANDO DE SER PORTUGUÊS |
| 4. Grupo Oswaldo Jardim | - CORSÁRIOS DO VELHO MUNDO |

4ª alegoria

CORSÁRIOS DO VELHO MUNDO



- ① Daniel de la Touche - Pedro Paulo
- ② Corsário Holandês - Carlos Vitor
(Destaque Central)
- ③ Corsário Português - Eduardo (Lateral D)
- ④ Corsário Francês - D'Stefano (Lateral E)
- ⑤ Composição

Diretor responsável: Nelson Storino

4º Quadro

MANGUDA

ALAS

- | | |
|---------------------|--|
| 1. Vendaval | - HOMEM DE DUAS CABEÇAS |
| 2. Acauã | - BICHO PAPÃO |
| 3. Arte e Manha | - O CORCUNDA |
| 4. Ala das Crianças | - BRINCANDO DE SER CRIANÇA
BONECOS TRADICIONAIS DAS BRINCADEIRAS DE RUA MARANHENSES |

A
L
A

S
Ó

P
A
R
A

Q
U
E
M

P
O
D
E

**A
L
A

S
Ó

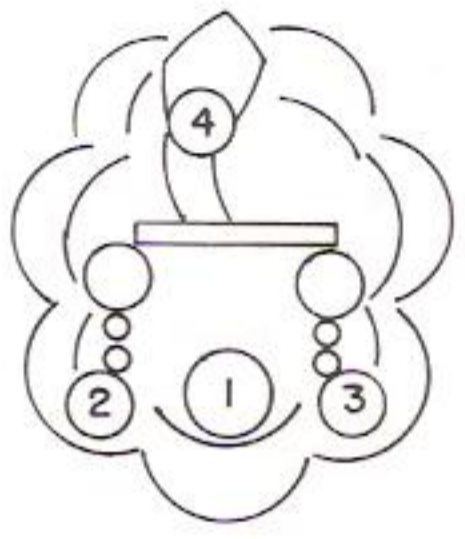
P
A
R
A

Q
U
E
M

P
O
D
E**

5ª Alegoria

SERPENTE, MANGUDA E ASSOMBRAÇÕES



- ①. Corcunda Encantado - Marcelo (Destaque Central)
- ②. Bruxo Encantado - Luiz Carlos (Lateral D)
- ③. Imperatriz das Trevas - Beny (Lateral E)
- ④. Guardião da Serpente - Márcio Muniz (Superior)
- ⑤. Composições

Diretor responsável: Moacyr

5º Quadro

ANA JANSEN

ALAS

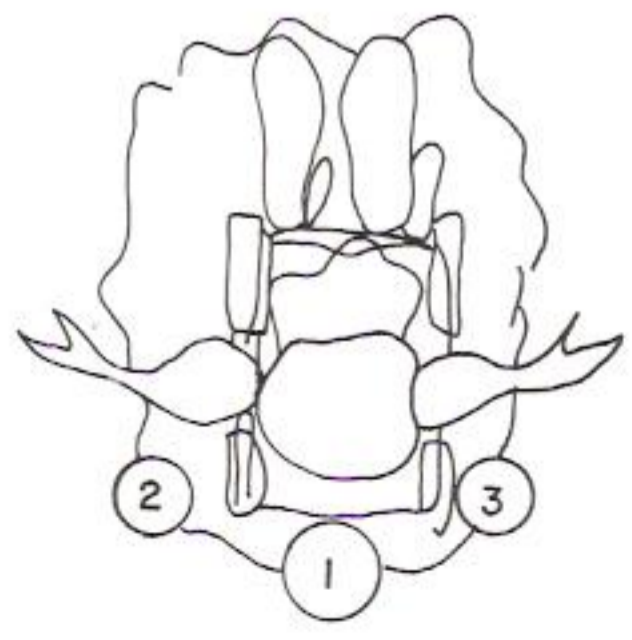
- | | |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| 1. Panteras/Deixas Isso Pra Lá | - CORTE DE DON'ANA |
| 2. Cheguei/Brasinhas e Brasões | - BODE ENCANTADO |
| 3. Príncipes/Firmeza/Eu quero é Mais | - OS ENCAPUÇADOS |
| 4. Velha Guarda | - CONTADORES DE HISTÓRIAS DE ARREPIAR |

**A
L
A

P
E
R
I
Q
U
I
T
O
S**

6ª alegoria

CORTE DE DON'ANA JANSEN



- ①. DonAna Jansen - Tânia Índio do Brasil
- ②. Corte de Don'Ana - Santinho (Lateral E)
- ③. Corte de DonAna - Pedrinho (Lateral D)
- ④. Composições

Diretor responsável: Jorge Luiz

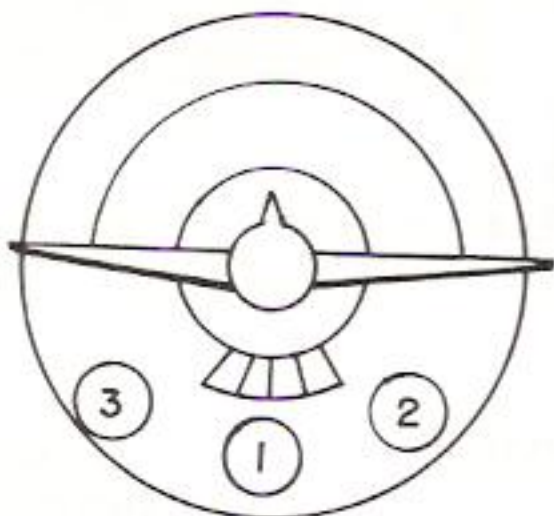
DIVINO

ALAS

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------------|
| 1. Ala da Comunidade (Rosa) | - TAMBOR DE CRIOULA |
| 2. Esportes / 1001 Noites (Verde) | - TAMBOR DE CRIOULA |
| 3. Ala da Comunidade | - BENÉ |
| 4. Grupo Carnaval de Chão | - CAZUMBÁS ORIGINAIS MARANHENSES |
| 5. Baianas | - FONTE DE ENCANTARIA |

7ª Alegoria

SALVE O DIVINO



- ① Imperatriz do Divino - Marlene Arruda (Destaque Central)
- ② Anjo do Divino (Lateral E)
- ③ Anjo do Divino - Sandoval (Lateral D)
- ④ Composições

Diretor responsável: Irineu

7º Quadro

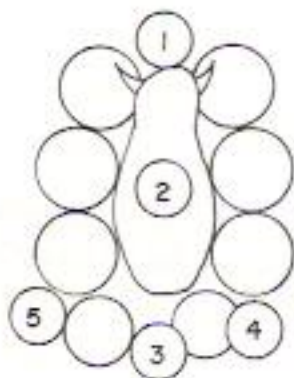
BUMBA-BOI

ALAS

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. Ala Copacabana | - CAIPORA |
| 2. Au, au, au/Sambrasa | - ÍNDIOS DO BOI (Verde) |
| 3. Comigo ninguém pode | - ÍNDIOS DO BOI (Rosa) |
| 4. Bainas Granfinas / Embaixadores (É com nós mesmos) | CATIRINA, PAI FRANCISCO E ARNO |
| 6. Opção / Seresteiros | - VAQUEIROS DA FAZENDA |
| | BOI TRADICIONAL MARANHENSE |
| | - CABOCLOS DE PENA |

8ª Alegoria

BUMBA-BOI



**A
L
A

P
E
R
I
Q
U
I
T
O
S**

**A
L
A

P
E
R
R
I
Q
U
I
T
O
S**

- ① Rosemary
- ② Serginho do Pandeiro
- ③ Sol do Maranhão - Rita Clemente (Destaque Central)
- ④ Alegria Maranhense - Wagner / Tania (Lateral E)
- ⑤ Alegria Maranhense - Edilson / Tania (Lateral D)
- ⑥ Composições

Diretor Responsável: Edson Marcos

8º Quadro

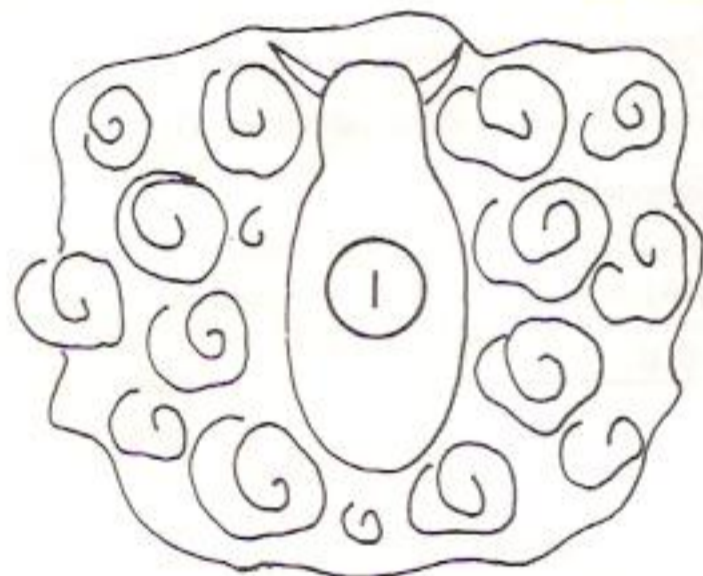
DOM SEBASTIÃO

ALAS

- 1. Moana/Renovação - GUERREIROS DE D. SEBASTIÃO
- 2. Aliados/Gatinhas e Gatões - MINISTROS DO REINO DE QUELUZ
- 3. Hippies Reis - POVO DE QUELUZ

9ª Alegoria

REINO DE DOM SEBASTIÃO



- ① Dom Sebastião - Laerte Rafael
- ② Composições

Diretor responsável: Chico

ALAS

- 1. Impossíveis/Brasa/Arco-Iris - ENCANTADOS DO SABER
- 2. Acoucir/Carcará - ENCANTADOS DA MAGIA
- 3. Ala da Comunidade - ENCANTADOS DA ALEGRIA

Bateria: Musicos do Reino de Queluz

Intérprete: Jamelão

1º Casal de Mestre sala e porta-bandeira: Marquinhos e Jeovana

Deslocamento: Paulinho e Dilmo / **2º Casal:** Birinha e Elaine - Prosperidade do Divino

Pessoas Notáveis: Presidente da Mangueira do Amanhã/Lecy Brandão/Rosemary/Beth Carvalho/Eduardo Conde/
Angélica/Gigi da Mangueira

Passistas - Índio, Serginho do Pandeiro, Moisés, Gilson e Gargalhada

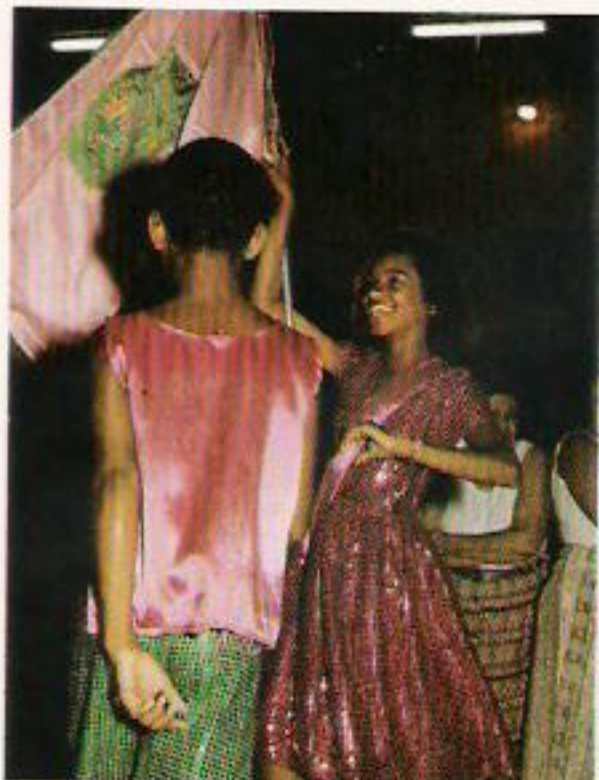
CONSELHO DE CARNAVAL

Conselho Comunitário - Pres. Walter Miranda

Depto de Harmonia: Xangô / Dilmo/Edinho/Serginho/Chicão/Delegado/José Carlos Neto/Lula/Carioca/Seu Negro/
João CIEP/Jorginho/Carlão/Jorge Catete/Genuino/Zacarias/Hélio/Filó/Pedro Paulo

Compositores

Diretoria/Conselho Deliberativo



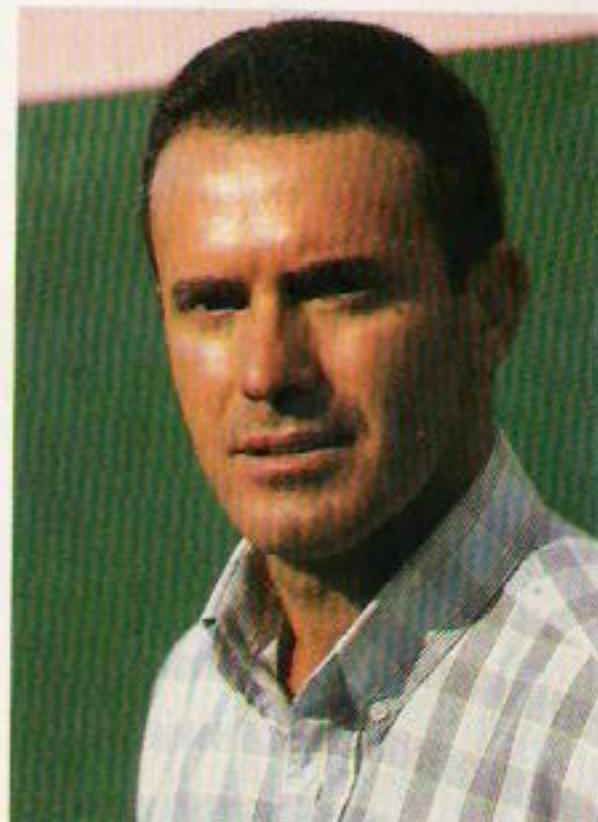
trabalho. Encaminha cerca de 400 crianças por ano a empresas prontas para recebê-las. Os responsáveis são os professores Vanda, José Pinto Monteiro e Tia Alice de Jesus.

PROJETO PROFISSIONALIZANTE

O Colégio Santa Mônica, na pessoa de seu diretor Dr. Albano Santos Parente, doou os equipamentos e paga os profissionais. Assim, hoje possuímos, no CIEP Nação Mangueirense, 20 microcomputadores e, na Vila Olímpica, 20 máquinas de escrever, para que nossos adolescentes recebam aulas de Datilografia e Informática.



PROJETO MANGUEIRA DO AMANHÃ



Menina dos olhos da Alcione, fundadora e atual presidente, a escola de samba mirim da Mangueira agrega 2 000 crianças, que têm sua participação no desfile condicionada ao bom rendimento escolar. A bateria mirim é tão boa que já tem espaço reservado em eventos, shows, gravações. A escolinha de mestre-salas e de porta-bandeiras, de Mestre Dalmo José, já forneceu profissionais a varias escolas de samba de diversos grupos. Marquinho e Geovana, o 1º casal da Estação Primeira, são crias da Mangueira do



Amanhã, cujo enredo para este ano é "A escolinha do Professor Raimundo".

PROJETO AFRO BRASILEIRA

Coordenado pelo maestro Otávio Brandão Soares e pela Professora Ibis, com o apoio do BID, destina-se a criar uma orquestra destinada a cultivar os ritmos afro-brasileiros, formando profissionais aptos a serem absorvidos

pelo mercado musical. Além de aulas de música, as alunos da banda tem também aulas de dança, de cultura afro brasileira e, nos dias de aula, recebem ainda suporte alimentar.



CONSELHO COMUNITÁRIO

Uma conquista da Nação Mangueirense



Cesar Costa da Candelária e Paulinho Carvalho do Telégrafo

Quem chega aos ensaios de sábado na quadra da Estação Primeira, vê sempre Paulinho, César, Marly e Birinha circulando, conversando, agindo. Com um único objetivo. Paulinho é compositor, Marly é dona de casa, César é vendedor e Birinha é o Presidente da Ala da Bateria. Qual seria o interesse comum dessas quatro pessoas, nascidas e criadas na Mangueira, todas na faixa dos 40 anos de idade? Os quatro são representantes dos moradores de quatro áreas específicas do morro da Mangueira junto à escola de samba, representada pelo seu vice-presidente, Walter Miranda, no Conselho Comunitário, espécie de grupo de trabalho que tem como meta integrar, da forma mais efetiva possível, a escola e a comunidade, não só no que diz respeito ao lazer, ao carnaval, mas, sobretudo, aos aspectos de reivindicação e de assistência social.

A comunidade mangueirense, formada de famílias de baixa renda, abriga mais de 40 mil pessoas, vivendo em precárias condições de saneamento básico, difícil acesso à moradia, ao conforto, aos bens de consumo, ao lazer. Só que, ali dentro, reside a escola de samba Estação Primeira de Mangueira, pelos próprios mangueienses fundada e conduzida até hoje. Mas que adquiriu vida própria, é famosa, conhecida no mundo inteiro, adorada, todos os salões abertos ao seu redor. Contudo, a família, em torno, continua carente, esquecida, sem oportunidades. E ela quer acabar com isso, quer usar seu prestígio para carregar consigo os irmãos desfavorecidos.

Foi assim que, há dez anos a administração de Carlos Alberto Dória começou a plantar o sonho do projeto que se transformou na realidade do Complexo da Vila Olímpica, do CIEP Na-

ção Mangueirense, da Escola de Samba Mirim Mangueira do Amanhã, dando oportunidade a 3 mil crianças que, segundo a análise emocionada do Ministro Pelé, estão hoje cobertas pela bandeira verde-e-rosa. De lá para cá, de uma forma ou de outra, a comunidade está sempre presente nos eventos da escola, atuante, participativa. Hoje, entretanto, essa integração amadurece, tomando forma mais sistemática, definida nos estatutos da agremiação.

Marly André Nunes, do lar, 42 anos, representa, no Conselho Comunitário, a Associação dos Moradores situada no Buraco Quente, a via de acesso mais importante do Morro da Mangueira. Paulo Roberto de Carvalho, 44 anos, comerciante e compositor, é o presidente e, ao mesmo tempo, representa a Associação dos Moradores do Telégrafo, outro "bairro" do morro. César Ferreira da Costa, 42 anos, vendedor da área de perfu-

maria, é o representante da Associação dos Moradores da Candelária, situada à extrema direita, já na direção da Quinta da Boa Vista. E Birinha, Ubiracy de Oliveira, 42 anos, filho de Mestre Padeirinho e atual Presidente da Ala da Bateria, representa e preside a Associação dos Moradores do Chalé e Farias.

O trabalho de rotina dessas quatro associações em nada difere do das sub-prefeituras espalhadas por diferentes locais do Rio de Janeiro. Os presidentes são eleitos para cumprir um mandato de 3 anos, passando a ser os legítimos porta-vozes de seus representados, que, enquanto população carente, são afligidos por um número bem maior de problemas do que os dos outros bairros da cidade. Um trabalho espontâneo, mas efetivo, de assessoria aos poderes constituídos. Só que não recebem qualquer remuneração pelo mesmo. Ao contrário, quase sempre são obrigados a prejudicar suas atividades regulares, seus empregos, em benefício da comunidade.

Dentre as muitas ações sociais desenvolvidas pelas associações de moradores, podemos ressaltar as creches comunitárias, a Nação Mangueira, na Visconde de Niterói e a da Candelária; o convênio com a Golden Cross, cujo

posto, sediado na Vila Olímpica, oferece programas de saúde à comunidade; o Projeto da 3ª Idade; o Posto Médico e Odontológico do Buraco Quente, onde a Dra Nádia e Dr. Luiz Carlos prestam atendimento voluntário. A aparelhagem odontológica do posto foi doada pelo "Trapalhão" Mussum, um mangueirense histórico, filho adotivo de D. Neuma, falecido há dois anos. Outro serviço da maior relevância é o Gari Comunitário, que a Associação indica e a Comlurb paga, oferecem ao empregado o salário da categoria, seguro de vida e encargos sociais.

Na Candelária, sob a coordenação de Paulinho, funciona o "Transporte Comunitário", espécie de cooperativa que hoje já oferece 11 kombis, fazendo o roteiro Largo da Cancela-Morro dos Telegrafos, via São Luiz Gonzaga e via Visconde de Niterói. Esse serviço atende a todo o Morro, ao mesmo custo da passagem de ônibus (R\$ 0,45). Se o caso for falecimento, socorro imediato, transporte de bolos de aniversário ou o pão doce e o leite para o Projeto Recriação, o transporte é de graça.

Enquanto, das quatro associações, partem pedidos e reivindicações, lá da sede da Escola de Samba, Walter Miranda procura dar-lhes encami-



Walter Miranda



Baiana da Mangueira

nhamento e solução. É ele quem encaminha aos presidentes das associações a necessidade de mão de obra que se abre com o carnaval, por parte da escola, para que a mesma seja captada dentro da comunidade. As associações possuem cadastros de candidatos a emprego, com a qualificação profissional e a expectativa salarial de cada um. Cabe a Walter, também, administrar a participação dos moradores do morro no desfile da Sapucaí. A escola oferece a cada associação um número igual de fantasias para o desfile. Essas fantasias serão entregues àqueles mangueienses que tiverem efetivamente comparecido aos ensaios, cuja frequência é controlada pelos representantes mediante fichas cadastrais semanalmente assinadas. Daí surgem as Alas da Comunidade, situadas na abertura do desfile, no meio da escola e no final. É esse o trabalho do Conselho Comunitário, um trabalho que coloca o verde da esperança na vida dos mangueienses, o rosa do amor na vida das nossas crianças e garra verde-e-rosa do sambista do morro da Mangueira no meio da Estação Primeira, para que ela entre na avenida ensinando a todo mundo que "a semente do samba só a Mangueira possui".

O BRASIL É VERDE E ROSA!

*A você, meu parceiro, meu
presidente, meu amigo,
Carlos Cachça.*

*Marília T. Barboza**

A Após a abolição da escravatura, em 1888, uma grande massa de negros libertos veio vindo do interior, das grandes fazendas, buscar trabalho nas cidades. Só que essas cidades não estavam preparadas para acolhê-los, nem para absorver a mão de obra oferecida. Sem trabalho, sem dinheiro, sem teto, mal visto, despreparado para o trato com pessoas refinadas, sem apoio das autoridades, o negro viu-se entregue à própria sorte.

O Rio de Janeiro era a sede do governo. Em São Cristóvão, residia o Imperador Pedro II. Mas o processo de mudanças políticas do país caminhava acelerado, como sempre deixando para trás o aspecto social. Um ano depois proclamou-se a República. Com a saída da família imperial do Brasil, a Quinta da Boa Vista, jardim do imperador, tornou-se um matagal abandonado, sendo, aos poucos invadida pela população errante, que lá ia construindo suas rudes habitações. Além disso, por abrigar, na mesma área, o quartel do 9º Regimento de Cavalaria, ali moravam diversas famílias de soldados.

Em 1908, o prefeito da cidade do

Rio de Janeiro, Serzedelo Correia, resolveu "dar um jeito" na Quinta, demolindo os barracos e expulsando os invasores, em cujo meio haviam-se infiltrado diversos marginais. Os solda-

Paula Negreiros Saião Lobato, o Visconde de Niterói. O primeiro morador do morro foi o cabo ferrador Cândido Tomás da Silva, o Mestre Candinho. Quando chegaram outras famílias de ex-

escravos, transferidas do Morro de Santo Antonio, que havia sofrido um incêndio, já encontraram barracos para alugar, construídos por outro português, Tomás Martins, arrendatário das terras do Visconde. Quem ia mensalmente aos barracos cobrar alugueis era o afilhado de Tomás, um rapazinho de 14 anos, que nascera ali mesmo, no dia 3 de agosto de 1902. Esse adolescente, que já exercia tal tarefa desde os 8 anos de idade, não era outro senão o nosso Presidente de Honra, Carlos Moreira de Castro, o Carlos Cachça, hoje com 93 anos.

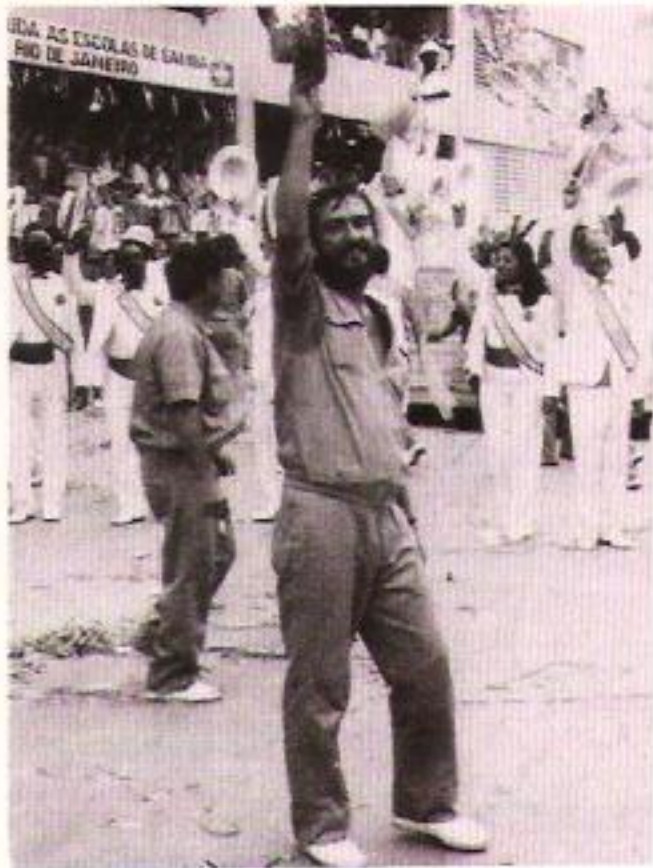
Carlos é testemunha ocular de tudo o que aconteceu na Mangueira nos últimos 85 anos. Viu aparecerem por ali os primeiros estabelecimentos comerciais, de propriedade de pequenos comerciantes portugueses, que ali mes-

mo constituíam família, aumentando a população miscigenada desta cidade. "Bateu cabeça" nos terreiros de Tia Fé, de Chiquinho Crioulo, de Minan, de



1986: Mangueira Campeã, com Caymmi e as meninas Juliana (sua neta) e Georgia

dos expulsos, juntamente com os demais moradores, transferiram-se para o lado quase vazio do Morro da Mangueira, espólio do português Francisco de



1987: Bi-Campeã

Maria Rainha. Cartola, seu companheiro de folguedos infantis, seis anos mais novo, chegou a ser “cambono de rua” nesses mesmos terreiros, que se transformavam em sede dos blocos carnavalescos assim que acabava a sessão de culto aos santos do sincretismo afro-brasileiro. “Naquele tempo, samba e macumba era tudo a mesma coisa”, dizia Cartola.

Do carnaval, então, Carlos se recorda até hoje: “Entre os anos de 1910 e 1913, quando o samba não tinha nenhum valor e nem se pensava em escolas de samba, a Mangueira já despontava como pioneira dos carnavais cariocas. Naquela época, já existiam aqui dois fortes e aguerridos cordões: Guerreiros da Montanha e Trunfos da Mangueira, ambos no Buraco Quente. Os cordões eram mais antigos e maiores que os ranchos, tanto em pessoas como em instrumental. Tinham uma comissão de frente de índios.

Os componentes carregavam bichos vivos: cobras, lagartos, bichos de pena. A coreografia era indígena. O estandarte era uma pau bem grosso, de uns dois metros de alto, que só podia ser carregado por homens bem fortes. Pouco antes da primeira guerra, de 1914, apareceram os ranchos. Aqui tivemos três: o Pingo do Amor, o Príncipe das Matas e o Pérolas do Egito..”

Só que, para uma comunidade como aquela, criativa, mas pobre, era pratica-

mente impossível manter um rancho durante muito tempo, em virtude do luxo das fantasias e o alto custo dos instrumentos de sopro e de corda. Por isso, concomitantemente aos ranchos, começaram a aparecer os blocos, que não eram nada mais do que as células de onde surgiriam as escolas de samba. A Mangueira tinha bloco que não acabava mais: Bloco da Tia Fé, Bloco da Tia Tomácia, Bloco do Mestre Candinho.

Em 1925, Carlos Cachça, Cartola, Saturnino, Arturzinho, Zé Espinguela, Massu, Antonio, Chico Porrão, Homem Bom e Fiúca fundaram o Bloco dos Arengueiros, que, como o próprio nome sugere, reunia a rapaziada que era boa de samba e...de briga. Pois foi esse bloco que, três anos depois, em 28 de abril de 1928, transformou-se na Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, reunindo, em torno de si, todos os demais blocos da comunidade.

A reunião de fundação da escola aconteceu na Travessa Saião Lobato (Buraco Quente para os íntimos), nº 21, sendo considerados fundadores oficiais os sete homens que dela participaram: Euclides Roberto dos Santos (seu Euclides), Saturnino Gonçalves (Satur), Marcelino José Claudino (Massu), Angenor de Oliveira (Cartola), José Gomes da Costa (Zé Espinguela), Pedro Gaim e Abelardo da Bolinha. Cartola, marido de Dona Zica, escolheu o nome e as cores. Foi

o primeiro Mestre de Harmonia, o ensaiador do Coro de Pastoras e dividia com Carlos Cachça o título de melhor compositor da comunidade. Saturnino, pai da Dona Neuma, foi o primeiro presidente. Massu, o primeiro mestre-sala. Espinguela, o primeiro realizador de um concurso entre escolas de samba, no dia 20 de janeiro de 1929, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade.

Na década em que se fundou a Mangueira, o mesmo acontecia em quase todas as demais favelas da cidade, de idêntica formação socio-econômica. Vai daí que, no início da década seguinte, já existiam no Rio de Janeiro cerca de 30 agremiações do mesmo tipo. Apesar da repressão policial, que dispersava os grupos investindo contra eles soldados a cavalo e mandava prender todo negro ou mulato que cantasse samba ou tocasse violão.

De 1930 a 1934, período a que chamo FASE HERÓICA da história das escolas de samba, quando tudo era espontâneo e os descendentes de escravos se reuniam na Praça Onze, houve três desfiles, nos quais a Estação Primeira de Mangueira foi a única campeã, poderosa, invicta e exclusiva. Eram concursos singelos, organizados pelos jornais da época. O carnaval oficial se restringia ao corso e aos desfiles de ranchos e grandes sociedades. Escola de samba era coisa de preto e de pobre. Gente talentosa.

Em 1935, o desfile das escolas de sam-



87: nas extremidades - Hermínio Bello de Carvalho e Carlos Cachça, da Comissão de Frente

ba tornou-se parte integrante do Calendário Oficial do Carnaval da Prefeitura do Rio de Janeiro. Desse ano até 1953 - FASE AUTÊNTICA - a Mangueira obteve o 1º lugar em 1940, 1949, 1950 e 1951; 2º lugar em 1935, 1936, 1939, 1941, 1943, 1944, 1945, 1946 e 1947; 3º lugar em 1942, 1952 e 1953. O inaceitável 4º lugar de 1948 deveu-se ao afastamento de Cartola da escola, 20 anos após a fundação. E também ao "susto" causado pela forte novata Império Serrano.

Durante a FASE DE INTERAÇÃO - de 1954 a 1970 - marcada pela entrada no processo da geração dos carnavalescos oriundos da Escola de Belas Ar-



1986: Festa do Folclore na Quadra da Mangueira



1993: Ala Acauã

combinação cafona e que escola de samba não deve ter patrono, o povo começou a apanhar. Ainda chegou em 4º lugar em 1971 e 1974; em 2º lugar em 72, 75 e 76; e até foi campeã em 1973.

Em 45 anos de desfile, de 1932 a 1976, a escola obtivera apenas colocações nobres, de 1º a 3º lugar. O 4º lugar ocorrera apenas cinco vezes (48, 59, 65, 71 e 74).

Em 1977, entretanto, a Mangueira, além de ver a Beija Flor ser coroada campeã, viu-se, ela mesma, numa inédita 7ª colocação, que fez cair sobre a cabeça da nação mangueirense um pesado véu de perplexidade e de espan-

to. Nos anos seguintes prosseguiu lutando, com 2ª colocação em 1978, 4ª (de 1979 a 1982) e 5ª (1983).

Levantando a cabeça, adaptando-se devagar às inovações (possíveis), em 1984, ano de inauguração do Sambódromo, ano de Braguinha, repetiu a façanha de 1932, lindamente registrada num samba de Cartola: "E temos o orgulho de ser os primeiros campeões". O 9º lugar de 1985 foi didático: a própria maestrina Chiquinha Gonzaga, enredo daquele ano, parecia passar uma "descompostura" em todo mundo, mostrando que o negócio não era imitar que já estava superado, trocar rosa

tes, a nossa verde -e-rosa, mesmo continuando a jogar no estilo antigo, obteve seis vezes o primeiro lugar (1954, 1960, 1961, 1962, 1967 e 1968); quatro vezes o segundo (1955, 1963, 1966 e 1969); cinco vezes o terceiro (1956, 1957, 1958, 1964 e 1970) - o máximo que um mangueirense de fé conseguia suportar - e duas vezes o quarto (1959 e 1965).

A partir de 1971 até os dias atuais - FASE DAS ESCOLAS DE SAMBA S.A. - quando tudo mudou, aqui em Mangueira, onde ainda se acredita que samba no pé é muito importante, que o verde junto com o rosa não é uma



Carlos Cachaca e D. Zica (1994)



1994: *Mangueira do Amanhã*

por lilás, verde bandeira por verde água, exagerar nos prateados. “- Toma tenência, Mangueira, mostra tua cara do jeito que é. O povo quer te ver de rosa!”

E então, foi aquele banho: em 1986, a Bahia de Caymmi fez a Sapucaí inteira vibrar, sentindo o gosto cheiroso do ximxim e do acarajé. Campeã! Em 1987, o canto chapliniano de Carlos Drummond de Andrade fez Chico Buarque de Hollanda esquecer a timidez e o poeta Affonso Romano de Sant’Anna virar compositor. Campeã! Em 1988, a saga do negro foi mostrada em Cem anos de Liberdade - Realidade ou Ilusão, honroso 2º lu-

gar, campeonato perdido apenas por um ponto.

Sofrendo ainda os efeitos da morte repentina do Presidente Carlos Alberto Dória, sucedido pelo irmão também morto pouco tempo depois, a Mangueira pisou mal a Sapucaí em 1989, conseguindo a pior classificação de sua história: 11º lugar. Essa colocação repetiu-se em 1991 e 1994, mostrando que a década de noventa não tem sido generosa com a Mangueira. Em 1990 ficamos em 8º, em 1993 em 5º e, finalmente, em 1992 e em 1995, chegamos em 6º lugar.

1996: O primeiro carnaval da administração Elmo dos Santos/Walter

Miranda. Elmo, um jovem mangueirense histórico, estréia como presidente, mas tem repetido sempre que, no seu entender, administrar a Mangueira é equilibrar o binômio tradição X evolução: por um lado, fortalecer cada vez mais as raízes. Por outro, modernizar a administração, de modo a dotar a Estação Primeira de uma infra-estrutura administrativa geradora de recursos que lhe permitam sobreviver com autonomia e dignidade. Walter é um pé quente. Sua administração anterior deu duas vitórias e um segundo lugar à escola. Juntos, vamos resgatar os velhos tempos gloriosos.



Xangô

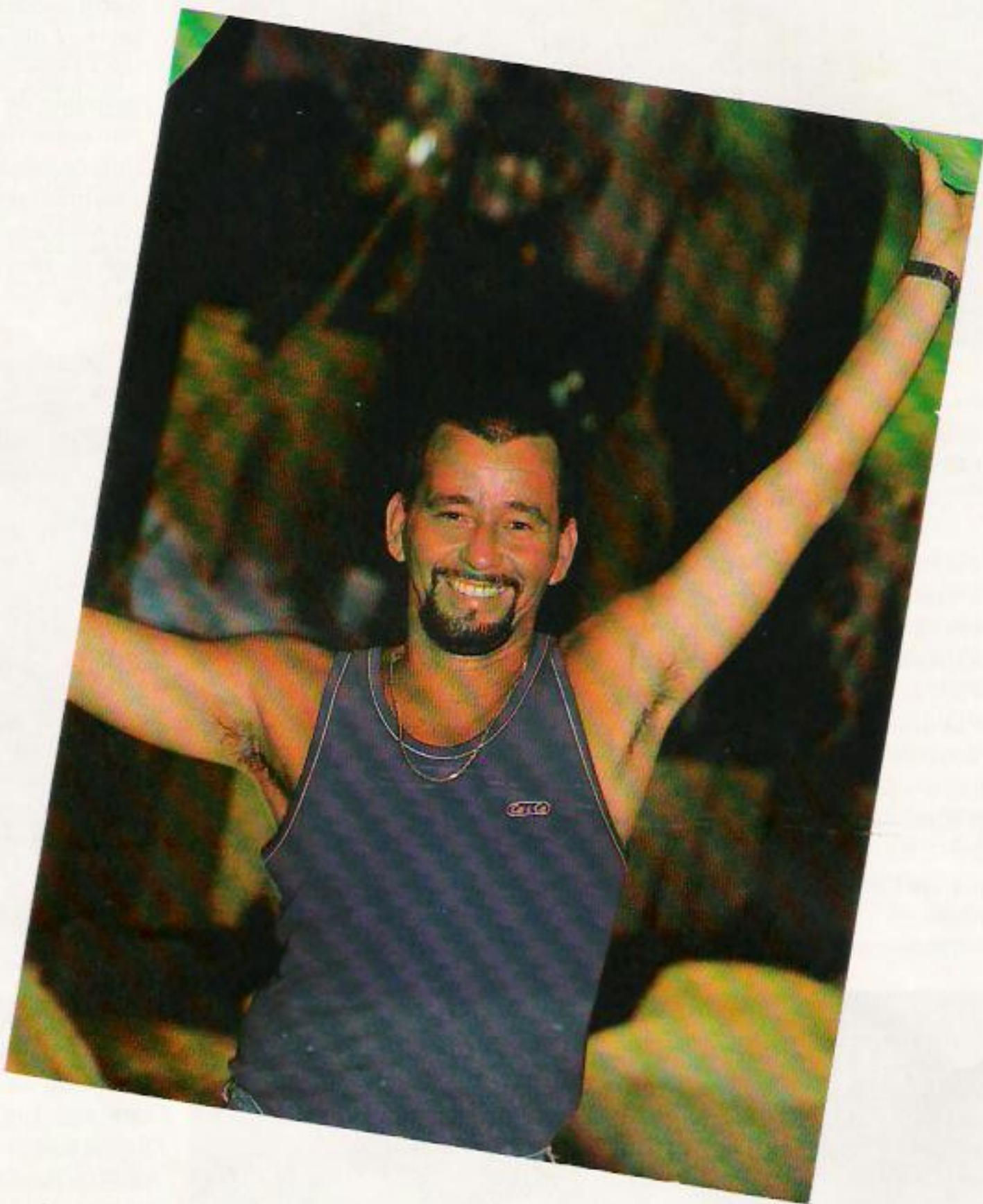


Beto Fim-de-Noite, Carlos Dória e Lúcio Abreu (1986)

Vai dar certo!!! Os tambores da Mangueira vão ecoar, transformando a Sapucaí na terra da encantaria, soltando sons, lendas, realidade, ilusão. Sob as bençãos, lá no céu, dos sete fundadores da escola que, ao lado do Cristo Redentor, de São Jorge e de São Sebastião, estão torcendo por ela, junto com tudo que é anjo e com tudo que é santo, bem como com tudo que é brasileiro que, hoje, faz coro na torcida do céu. Porque, afinal, como disse Ziraldo, “O BRASIL É VERDE E ROSA”.

* *Márcia Trindade Barboza da Silva*
Biógrafa da Mangueira,
de Cartola, de Carlos Cachça
Coordenadora Geral da
Revista da Mangueira

Oswaldo Jardim... por ele mesmo



Oswaldo Jardim é o novo carnavalesco da Estação Primeira, em 1996. Mais uma novidade da Administração do Elmo. Com base em pesquisa apresentada pelo compositor e poeta Augusto Tampinha, do Maranhão, desenvolveu o enredo "Os Tambores da Mangueira na Terra da Encantaria", nosso enredo deste ano.

É difícil acompanhar o ritmo de Oswaldo, a mil por hora o tempo todo. Em matéria de vocabulário, é páreo duro para D. Neuma. Sua fala é delirante, criativa, desbocada. Oswaldo parece que não leva nada a sério. Mas isso é só tipo, porque ele faz o povo rir, mesmo quando está furioso. No trabalho, é organizadíssimo. Bela figura, paquerador emérito, totalmente sem preconceito, não fique muito tempo sob o raio do seu olhar, pode ser perigoso! Mas o importante é que, na opinião unânime de todos aqueles envolvidos com Carnaval, é um dos profissionais mais criativos dessa área que, segundo ele mesmo, é um emprego difícil de se obter e de se manter, porque só tem 14 vagas. Fala, Oswaldo!



ESCOLHA DA CARREIRA

“Para ser sincero, comecei com 12 anos, em Jacarepaguá, bairro em que nasci. Foi uma coisa muito engraçada, sempre tive uma tendência para carnaval, eu era pequeno, via o João Trinta fazendo coisas na televisão, não perdia aqueles desfiles, adorava... via os desfiles de fantasias do Baile dos Horrores, do Magnatas, com aquelas máscaras. Eu gostava do clima, aqueles bonecos, me impressionava, eu ficava curioso para ver como se enfiavam aquelas pessoas lá dentro dos bonecos. Depois que a pessoa saía e deixava o boneco lá deitado, eu me enfiava no boneco para ver, gostava muito daquilo. Essa movimentação eu sempre curti.”

PRIMEIRA CRIAÇÃO CARNAVALESCA

“Aí, aos doze anos, na casa de uma amiga lá na Penha, eu montei quase que um barracão. Montei dois cabeções grandes, desses que chefiavam um bloco de várias máscaras, inclusive os tambores, que fiz com aquele papel de cimento e lata de gordura de coco Carioca. Era um bloco sem nome, de umas 20 crianças. Eu gostava muito da brincadeira com barro, da confecção das coisas”

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“Eu sempre quis ser carnavalesco desde pequeno, não

tenho a menor dúvida!

Eu acho que isso é uma coisa meio “destinada”, uma bruxaria da qual você não foge”.

“Passou o tempo, fiz escola técnica, fui para o lado técnico, pensava em ser artista só de vez em quando, quando desse, por curiosidade, pois as pessoas todas diziam que artista morre de fome. Eu vivo fazendo regime para emagrecer... Então, um certo dia, eu estava no 4º ano de engenharia, vi que era uma pessoa completamente infeliz, e voltei de novo a retomar um ponto qualquer do passado que eu tinha largado e, interessante, percebi que o meu traço não

“Quando eu quis ser artista, todos desaconselhavam, dizendo que artista morre de fome. Eu vivo fazendo regime para emagrecer!”

tinha regredido, mas também não tinha crescido. Era começar tudo do zero. Aí, fiz vestibular de novo, fui para Belas Artes, e comecei a me envolver. Achava o maior barato aquelas aulas de modelo vivo, parecia que a gente tinha regredido no tempo, passando de uma encarnação para outra, uma regressão. Entendi porque eu era infeliz e não sabia, apesar de poder afirmar que sempre quis ser carnavalesco desde pequeno, não tenho a menor dúvida. Acho que isso é uma coisa meio “destinada”, uma bruxaria da qual você não foge. Você não sabe como entra, mas sabe que quer entrar. Porque é um emprego de 14 vagas, um emprego difícil”.

O COMEÇO

“Aí, eu tinha um amigo que trabalhava na Manchete, ele era engenheiro, tinha estudado comigo na Engenharia, e acabou me arranjando um estágio lá, na época em que o Arlindo Rodrigues era diretor de arte. Renato Lage também estava começando como cenógrafo na televisão e já estava fazendo, se não me engano, o Império Serrano. Arlindo já fazia a Imperatriz há algum tempo. Eu era um “peido” naquela situação, um subnitrato do nada, um estagiário do Departamento, mas





parece que você começa a ver uma pequena estrada, um caminho por onde você vai andar. "Será que isso vai acontecer comigo?" Nessa época, eu já estava envolvido com figurino na televisão, porque lá todo mundo queria ser cenógrafo. Então, achei que ser cenógrafo era uma furada, porque a concorrência era grande, tinha uma porção de gente na minha frente e ninguém queria ser figurinista. todo mundo achava figurinista esquisito, imaginava logo uma bicha de unha comprida sentada na Kalil M. Gebara, desenhando modelo para madrinha de casamento. E vai entender que não é nada disso, voce demora, não é? Então, pensei em ser figurinista, porque aqui é muito mais fácil ser figurinista do que virar cenógrafo. Até que, um dia, um carpinteiro, muito meu amigo, o Hélio Chuchu, uma figuração incrível, me trouxe uma incumbência de fazer o enredo para a Rocinha, que ainda era bloco. Depois, eu fiz o Bloco da Vila



Kennedy, uns dois ou três anos. Um dia o Arlindo, com aquela pose dele, foi consultado pela Estácio para ver se arrumava um carnavalesco, porque a Estácio estava numa pior, uma crise muito grande. Eu fui, completei o carnaval juntamente com o Fernando Alvarez (1986) e no ano seguinte, 1987, fiz o meu 1º carnaval sozinho, na Estácio mesmo, "Prata da Noite," uma homenagem a Grande Otelo. Ai, a coisa foi prosseguindo: fiz a Império Serrano, a Unidos da Tijuca, a Vila Izabel, mais uns anos e, hoje, estou aqui na nossa querida Mangueira".

SER CARNAVALESCO DA MANGUEIRA

"Eu nunca soube se algum dia iria fazer a Mangueira, se bem que era uma escola que sempre respeitei muito. O ano passado, quando vi a Mangueira passando, falei assim: Um dia, ainda vou fazer essa escola, nem que seja de graça! Ai, aconteceu dos meninos me chamarem para conversar, eu estava super a fim de vir. Queria dizer, claro que eu quero, na hora, mas precisava saber se eles iam se eleger ou não. No momento em que eu entrei, como sou muito transparente, não mudei um milímetro do que eu era. Conversei com todo mundo, me relacionei o máximo possível, eu e a Mangueira estamos namorando, namorando, ficamos noivos. Tive uma preocupação de ver o que os componentes queriam, estudar as queixas, as necessidades e verifiquei que o maior anseio era ser verde-e-rosa. Anteriormente, isso foi profundamente violado. Ai eu descobri que já uso verde-e-rosa há muito tempo! Era só tirar algumas cores. O mundo é verde-e-rosa e eu não sabia! Fui começando a curtir, procurei fugir um pouco da vulgaridade dos cítricos em excesso, se você olhar a bandeira da escola, as cores reais estão ali. Na Mangueira, o povo tem que ver para acreditar. Quando viram, amaram. Até as alegorias estão nos tons da escola, porque tudo bate! A Mangueira vem completamente Mangueira, e muito mais solta, mais leve. Eu não quero castigar o componente, com quilos de coisas nas costas. Quero que, na hora do desfile, as pessoas brinquem, se soltem como cabri-

tos loucos! Nessa hora, eu estarei possuindo a Mangueira, estarei casando com ela...Se possível, por muito tempo...

SIMBIOSE CARNAVALESCO X COMUNIDADE

Fico muito preocupado com a sensação que as pessoas estão sentindo, transformar uma coisa careta numa catarse coletiva, onde cada um seja o que deseja ser. O grande barato é você emocionar todo mundo, todo mundo ser cúmplice de sua história. Se eu estou organizando um desfile, desenvolvendo um enredo, tenho que estar em contato direto com o componente toda hora, com a direção, com os artífices, com a escola inteira. Eles têm que sair com um pouco do meu perfume na mão, têm que levar um pouco do meu sorriso. Estou dirigindo um espetáculo cheio de atores: tenho que contaminar esses atores com a minha loucura. Eles têm que sentir o meu ritual, minha fidelidade. Quando estou fazendo o carnaval numa escola, não vou em nenhuma outra, a menos que seja um compromisso meramente protocolar. Feito um casamento mesmo. Eu e a Mangueira. Casados. No momento, só ela existe para mim."

EQUIPE TÉCNICA DO CARNAVALESCO OSWALDO JARDIM

MADEIRA

Responsável: *Caetano*

FERRAGEM

Responsável: *Adão*

PINTURA/ARTE

Responsável: *José Reynaldo*

Auxiliares: *Claudio Nascimento e James Martins*

Ajudantes: *Ary, Renato, Wellington e Wiz Parrela*

DECORAÇÃO

Responsável: *José Reynaldo*

Ajudantes: *Jorge, Cesar, Junior I, Junior II e Paulo*



Concepção:

Conselho de Carnaval da Mangueira

Realização:

Oswaldo Jardim

01 - INTRODUÇÃO:

"Os Tambores da Mangueira na Terra da Encantaria"

Hoje a Estação Primeira da Mangueira vai levar você para um mundo distante - a Terra da Encantaria - pedaço do Brasil que se guarda virgem e inocente. Pedaço ainda habitado por um povo, que vive a poesia de sua vida exatamente como ele a escreveu. Terra que encantou os corsários do Velho Mundo e que, certamente, ainda encanta e encantará muitos de nós corsários da mundo moderno, sedentos de descobertas e famintos de emoção.

É... A Verde e Rosa vai nos conduzir rumo as terras do Maranhão. Terra dos ritmos sagrados e profanos, que se fundem em tamanha naturalidade, fazendo a gente se esquecer de quem inventou o pecado. Pecado que certamente ainda não atracou na alva Praia dos Lençóis, Reino sagrado de D. Sebastião, que dono e senhor deste verdadeiro Éden, transforma no silêncio da madrugada a

espuma do mar em lenda, numa sinfonia de estórias, que só o Caboclo sabe contar. E é conduzido por Ele, que vamos penetrar neste mundo mágico de mistérios e encantarias. Façam a roda, porque a viagem vai começar!

A Terra da Encantaria

Se algum dia viajares lá para o rumo do nordeste e em tuas andanças encontrares um lugar mágico, uma terra única, diferentes das demais da região, certamente estarás o Maranhão.

O Maranhão é uma terra, que tem alma, que tem sentimentos. É uma terra boêmia, que flui poesia em todos os becos, ladeiras e mirantes de suas cidades.

O que disser do Maranhão pode até parecer lirismo de poeta. No entanto, atravessando a Baía de São Marcos de Tapuitapera (hoje Alcântara) em direção a Upaon-açu (hoje São Luís), veremos que ali está o Maranhão, ainda intacto, apenas marcado pelos molares dos séculos, mas místico, poético, festeiro e sempre pulsando pelo ritmo de seus tambores. E olhe! Se juntarmos a energia de seu povo através de suas danças, suas estórias e suas manifestações culturais, com cer-

teza vamos descobrir a alma de que falo ter o Maranhão.

O Maranhão é um passeio no tempo, e é, assim, que, se andares pelas suas ruas paralelepipedadas, podes dar de encontro com Catarina Mina, escrava alforriada, que enviuvada de um comerciante português, fez fortuna. Ou, quem sabe, serás convidado para um chá das cinco, nos salões da baronesa de São Bento, ali no Solar Beco da Baronesa, para depois, posto sobre os cotovelos na mureta do Cais da Sagração, apreciar um poente vermelho entre formação de nuvens de uma plástica nunca vista.

E já que estás no clima do lugar, talvez possas ser recebido por Daniel de La Touche, o fundador de São Luís, para uma audiência rápida, quando ele te explicará porque foi expulso junto com os outros franceses, pelos portugueses, que mais tarde também expulsaram os holandeses invasores, que tentaram dominar a Província.

Agora, é descer a escadaria da Rua do Giz, tomar uma catuaba e cair na festa com a Nega Fulô, uma nigrinha que está sempre pronta para rodar a saia e vadiar dias e noites ao som de um tambor.

Aliás, tambor no Maranhão é

coisa séria, quando não bate para fazer festa, bate para saudar Vodum em terreiro de mina e, as vezes, levado pelo sincretismo, invade até os altares mais sagrados, para pagar promessas de seus fiéis. É como, por exemplo, botar Bumba-Boi para São João, em retribuição a uma graça alcançada, ou bater caixa para o Divino Espírito Santo manter as esperanças de receber o Imperador, que nunca chegou.

Os tambores do Maranhão são afinados a fogo, tocados a murro e servem sempre de guia para quem quer dançar com o cazumbás numa roda de Bumba-Meu-Boi, ou pungar com a coureiras do Crioula, para ser abençoada por São Benedito. Mas se quiseres ficar contrito às manifestações afro-religiosas, vá a uma Casa de Mina. Lá os tambores batem respeitosa e saudando uma raça que pôs a arte na cultura popular local: os Negros Fons da Nação Jêje.

E quando noite, já cansado, deite-te numa rede de algodão e manda chamar uma daquelas negras, vinda do Porto de São João de Minas, para te embalar nas histórias, que assustavam as crianças, que dormiam de medo, esconjurando os maus espíritos, arrepiadas pelo imaginário da perseguição.

Portanto, cuidado ao ouvires um barulho de um coche vindo em tua direção no meio da noite escura! Conforme a tradição, se trata de Dona Ana Jansen ou Donana, numa carruagem puxada por cavalos sem cabeça que espalham fogo pelos cascos. Guiada por um escravo também decapitado, emite sons horríveis por onde passa, distribuindo maus presságios para quem a vê.

Dizem os mais



Cazumbá, personagem do Bumba-meu-Boi

velhos, que cercando a ilha de São Luís existe uma serpente gigantesca, sempre crescendo, que algum dia encontrará o rabo com a cabeça e comprimirá num abraço toda a ilha, provocando-lhe a submersão para as profundezas do oceano, onde ficará toda a memória de um povo encantado.

E quando caminhares pelo Largo dos Amores, fica sempre atento, para não seres surpreendido pela Manguda, uma aparição fantasmagórica, que traja um camisolão de mangas bem compridas, cobre o rosto com uma máscara e solta nuvens de fumaças pela cabeça. Ela pode te pegar e te deixar no chão para sempre.



"Uma ceia", xilogravura de Airton Marinho

Mas na Ilha, que é do amor, o amor também é uma lenda, e reza, que na aldeia do chefe Itaporama, assentada à beira mar, sua filha se apaixonou por um guerreiro, de rara beleza, que também despertou a paixão de Mãe d'Água, de poderes sobrenaturais, o conquistou em definitivo.

A indiazinha, coitada, em desolação passou a chorar até morrer e de suas lágrimas surgiram duas nascentes d'água, que até hoje, correm para o mar em busca de seu amado.

Agora é o momento de conheceres Lençóis. Antes, pede licença a Princesa Ina, para cruzares o reino de suas águas depois navega à vela para não fazer barulho e despertar a sua ira.

Ao desembarcar, na praia, dirige-te com respeito aos habitantes nativos - pois à noite eles são os duendes que guardam a duna de um Touro Negro, bravo, que corre soltando fogo pelo nariz e tem uma estrela na testa. É o rei Sebastião encantado. Não ouses vê-lo! Se curioso, apenas escuta o tropel pelas areias de seu deserto. Mas se corajoso fores e tentares enfrentar o Touro, só vencerás se sangrares sua testa no centro de sua estrela. Então, ele se desencantará, o Rei nascerá, a Ilha de São Luís revivará e ressurgirá a Corte de Queluz, para o que o Rei Sebastião possa reinar novamente longe das terras de Lisboa.

Mas, se não ousares enfrentar o Touro, regressa como chegaste sem trazer nada do que encontrares, pois lá tudo é sagrado e pertence ao Rei Encantado. E a lenda diz mais, que se trouxeres algum dos pertences do Rei, o Rei te encantará e passarás a vagar para sempre na Terra da Encantaria.

OS TAMBORES DE JOSUÉ

“No futuro, o Brasil não será mais um país do primeiro, do segundo ou do terceiro mundo, mas apenas um modelo da possibilidade que tem o homem de viver em comunhão, realizando-se socialmente”.



Josué Montello já escreveu - passem! - 127 livros. Nasceu em 1917, em São Luís do Maranhão. Ninguém merece, tanto quanto ele, ocupar uma cadeira (a de nº 29) na Academia Brasileira de Letras. Além dessa “façanha”, ainda encontrou tempo para exercer o jornalismo, o magistério, dirigir a Biblioteca Nacional, o Serviço Nacional de Teatro, muitas outras atividades, e ainda correu mundo ensinando por aí a riqueza da nossa Literatura.

Sua obra considerada definitiva, pela crítica nacional e internacional, é o romance “Os Tambores de São Luís”, a grande saga do negro brasileiro, nas suas lutas, dramas e tragédia. Nela, Josué nos conta, com tanta verdade que chegamos a ouvi-los, o ecoar dos tambores do culto africano, como se fosse o pulsar do coração da ilha. A força ancestral desses tambores chegou até os ouvidos da Nação Mangueirense. Que vai levá-los até a Avenida Marquês de Sapucaí, para que todos conheçam um pouco desses tambores e dessa força, bem como da saga do negro oriundo da mesma Mãe África.

Josué Montello, um dos maiores filhos do Maranhão, muito tem escrito sobre o negro. Com sua obra, o escritor ensinou o Brasil a entender melhor, a respeitar e a resgatar o verdadeiro e relevante papel do descendente dos africanos na história do país.

Tendo ido pessoalmente conhecer a Quadra da Estação Primeira, neste pronunciamento para a Revista da Mangueira, Josué fala sobre as escolas de samba, dizendo que “um Brasil autêntico, convergente, com capacidade de ser dele próprio, é um Brasil em que você não distingue conflitos raciais e que pode ser encontrado dentro dessas escolas. Eu acho que, com todos os problemas que tem as favelas, elas consti-

tuem a mais bela lição que se pode ter, no Brasil, da comunhão social, porque não se distingue o pobre do rico, o branco do negro. Há um sentimento de convergência espontâneo, natural, que faz



com que figuras representativas da cultura local sejam figuras representativas de todos. Como Cartola, que pela sua aparência era um homem obscuro, mas quando você se aproximava dele, a aproximação do homem rimava com a sua música. Você via e você conseguia explicar certos versos de Cartola que eram realmente consequências de uma cultura determinada, caracterizada pela sua profundidade e universalidade. Por isso, ele chega a ser exemplar para representar a sua comunidade. Foi isto que vi na minha visita à Mangueira, aquela coisa extraordinária, o sentimento da comunhão natural daquela gente. É preciso

que as pessoas percebam que a escola de samba é uma demonstração de cultura, por vezes a mais requintada. Do ponto de vista da escultura, da apresentação, do colorido, da música, do balé, uma invenção e sua sublimação.”

“A Mangueira é marcadamente civilizada”, complementa Josué, “ela não é um aglomerado primitivo dentro dos seus valores aparentemente toscos. Ela é na verdade um requinte! Quando tive notícia de que ela aproveitaria o título do meu livro para compor o título do seu enredo, isto me deu realmente uma grande alegria, porque considero que a comunidade mestiça do Maranhão é representativa de uma possibilidade natural, que não tem nada de premeditado, se fez naturalmente com a colaboração do tempo. O país estará completo, acabado, a palavra como arremate de uma obra prima, o dia em que não existir mais nenhuma noção de divergência racial.”

Josué Montello, um contador de histórias do povo do Maranhão, é possuidor de vastíssima formação erudita. Sua expectativa, ao ver essas mesmas histórias contadas do ponto de vista de um artista popular do Rio de Janeiro, é de que o seu estado, síntese das possibilidades brasileiras, seja retratado com toda a riqueza que ele consegue ver, ou com a mesma expressividade, uma vez que a visão do povo brasileiro, independente da unidade da federação de onde parta, é uma só. Como a língua que, falada por gaúcho, carioca ou maranhense, tem uma unidade espontânea. O mesmo ocorre com o sentimento de brasilidade e a percepção da cultura, que, acima do regional, é nacional. “Isto é que é, realmente, a genuinidade, a autenticidade brasileira.”

A MANGUEIRA NO ALÉM MAR



No século XVI, Portugal descobriu e, mais tarde, colonizou o Brasil. Hoje, é o samba da Mangueira que estabelece a mão dupla no intercâmbio cultural Brasil-Portugal. Pois não é que hoje, lá, já existem trinta escolas de samba, ó pá?

O grande patrono das escolas de samba portuguesas é um médico chamado Ricardo Mira, uma espécie de Paulo da Portela luso e atual, que dá o suor e o sangue pelo samba. Compositor, violonista, cantor, sambista de primeira, Ricardo este ano

ganhou o concurso de samba enredo em três escolas portuguesas: "Capricho de Abrigada", a escola que preside, "Juventude Vareira" e "Acadêmica de Sacavém".

Os sambas-enredo das escolas portuguesas têm como modelo os das escolas cariocas e - diga-se de passagem - são lindos! Curioso é que a escola inteira os canta sem sotaque, exatamente como nós.

O enredo da Juventude Vareira chama-se EM VERDE-E-ROSA, as cores

da escola, que foram dadas em homenagem à Mangueira, é claro! Numa carta recebida por esses dias, Ricardo, lusomangueirense de coração, escreve: "Termino desejando para a nossa querida Estação Primeira de Mangueira, votos de um grande carnaval e se possível mais um campeonato".

Nós, mangueirenses, agradecemos e, em retribuição, mostramos ao povo da Sapucaí a graça e a beleza da sambista portuguesa, em verde-e-rosa, pois, pois!



DIRETORIA:

**"Vamos dar o
nosso sangue e
honrar o pavilhão
verde e rosa!"**

EQUIPE DA REVISTA:

Marília T. Barboza
Arthur Oliveira
Carlos Pessoa
Edson Marcos

**"Todo ano a luta é igual
mas, no fim, é gostoso
demais poder dizer:
Valeu!"**



**Nossos agradecimentos a todos aqueles
que, de alguma forma, ajudaram o dia-a-dia
de nossa escola. Em especial:**

COLÉGIO SANTA MÔNICA

DJALMA ARRUDA

EVAL TURISMO

GOLDEN CROSS

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTALADORA MARCONDES LTDA.

INSTALSOM

IPERJ

LEITE DE ROSAS

LOTERJ

MAGNATAS FUTEBOL DE SALÃO

MUNDUS

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SUMMERVILLE

TELERJ

VÊNUS TURISMO

XEROX DO BRASIL

ZIRALDO

MANGUEIRA

XEROX DO BRASIL LTDA



THE DOCUMENT COMPANY
XEROX

BUMBUM TARATATATA BUMBUM.

Se não for o som dos **Tambores da Mangueira** estremecendo a avenida, pegue o seu **Fratello Tiquete** e vá correndo ao restaurante mais próximo, porque a vibração na sua barriga é mesmo de fome!

E se depois disso ainda permanecerem os mesmos sintomas, levante-se e comemore, porque desta vez é com certeza a bateria da Verde e Rosa encantando a multidão.

FRATELLO
TIQUETE

SEJA QUAL FOR O MOTIVO DA SUA COMEMORAÇÃO

(0800) 14-1030

R. da Assembléia, 10 - sala 3615 - Centro
Cep: 20040-003 / Tel: (021) 531-1672
Fax: (021) 531-2549 - Rio de Janeiro - RJ

